UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

ARACELLE SANTANA SOARES

**PESQUISA-AÇÃO EMANCIPATÓRIA COM JOVENS: UM PROCESSO
EDUCATIVO INTERSETORIAL (SAÚDE E EDUCAÇÃO)**

SÃO PAULO

2018

ARACELLE SANTANA SOARES

**PESQUISA-AÇÃO EMANCIPATÓRIA COM JOVENS: UM PROCESSO
EDUCATIVO INTERSETORIAL (SAÚDE E EDUCAÇÃO)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Enfermagem na Atenção Primária em Saúde no Sistema Único de Saúde para obtenção do título de Mestra em Ciências.

Área de concentração: Cuidado em Atenção Primária à Saúde

Orientadora: Profa. Dra. Célia Maria Sivalli Campos

SÃO PAULO

2018

ARACELLE SANTANA SOARES

**PESQUISA-AÇÃO EMANCIPATÓRIA COM JOVENS: UM PROCESSO
EDUCATIVO INTERSETORIAL (SAÚDE E EDUCAÇÃO)**

Versão corrigida da Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Enfermagem na Atenção Primária em Saúde no Sistema Único de Saúde para obtenção do título de Mestra em Ciências.

Área de concentração: Cuidado em Atenção Primária à Saúde

Orientadora: Profa. Dra. Célia Maria Sivalli Campos

VERSÃO CORRIGIDA

A versão original encontra-se disponível na Biblioteca da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo.

SÃO PAULO

2018

Nome: Aracelle Santana Soares

Título: Pesquisa-ação emancipatória com jovens: um processo educativo intersetorial (saúde e educação).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Ciências.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Orientadora: Profa. Dra. _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À orientadora prof. Dra. Célia, por toda paciência, compreensão e tantos ensinamentos. Foi uma honra tê-la como orientadora.

Aos meus colegas, trabalhadores do SUS, em especial Walisson, Aline, Amelia e Yzak, que estiveram presentes nas oficinas e sem os quais esse trabalho não concluir-se-ia.

Aos colegas do mestrado, por tantas trocas e apoio, em especial à querida Darlane.

À minha melhor amiga, Erika, por todo o apoio, presença diária de suporte e amor.

Às minhas queridas amigas e amigos, que tanto me apoiaram e me perdoaram as ausências.

E em especial, aos meus pais.

Soares AS. Pesquisa-Ação Emancipatória com Jovens: um processo educativo intersetorial (saúde e educação) [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2018.

RESUMO

O objeto deste estudo são ações educativas voltadas para os jovens, desenvolvidas por trabalhadores da atenção básica, propostas no “Caderno de educação para ampliar a crítica sobre o consumo de drogas: como trabalhar com jovens”, elaborado como instrumento pedagógico para o desenvolvimento de processo educativo com jovens. A teoria da determinação social do processo saúde, do campo da Saúde Coletiva, define que as diferentes formas de trabalhar e de viver de cada grupo social submetem as famílias dos jovens a potenciais de desgastes/fortalecimentos, que impactam diretamente no processo saúde, gerando manifestações características, conseqüentes do embate entre esses potenciais. Com essa compreensão, este estudo ancorou-se na concepção de educação emancipatória como instrumento para a prática educativa com jovens e reproduziu a estratégia de oficinas propostas no material pedagógico citado. As oficinas foram desenvolvidas numa escola pública na periferia da zona oeste de São Paulo, com nove jovens escolares, cinco trabalhadores da Unidade Básica de Saúde localizada no mesmo território. Através desse processo educativo foi possível promover discussões que confirmaram a importância da educação emancipatória como processo fortalecedor para reflexão das origens dos fenômenos que acometem a vida dos jovens que vivem em condições associadas com a precarização, bem como permitiram a proposição de aprimoramento de estratégias do caderno em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Emancipação. Saúde do adolescente. Marxismo. Pesquisa-ação. Enfermagem. Educação em Saúde.

Soares AS. Emancipatory Action with Young People: an intersectoral educational process (health and education) [dissertation]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2018.

ABSTRACT

The objective of this study is educational actions directed at young people, developed by primary care workers, proposed in the "Education book to increase criticism about drug use: how to work with young people", developed as a pedagogical instrument for the development of the process with young people. The theory of the social determination of the health process, in the field of Collective Health, defines that the different ways of working and living in each social group subject the families of the young to potentials of wear and tear, which directly affect the health process, generating manifestations consequences of the clash between these potentials. With this understanding, this study was anchored in the conception of emancipatory education as an instrument for the educational practice with young people and reproduced the strategy of proposed workshops in the mentioned pedagogical material. The workshops were developed in a public school on the outskirts of the western zone of São Paulo, with nine schoolchildren, five workers from the Basic Health Unit located in the same territory. Through this educational process it was possible to promote discussions that confirmed the importance of emancipatory education as a strengthening process to reflect the origins of the phenomena that affect the lives of young people living in conditions associated with precariousness, as well as allowing the proposition of improvement of strategies of the notebook in question.

KEYWORDS: Emancipation. Primary health care. Adolescent health. Marxism. Action research. Nursing.

LISTA DE SIGLAS

CEU	Centro Educacional Unificado
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
ESF	Estratégia de Saúde da Família
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PAE	Pesquisa-Ação Emancipatória
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PHC	Pedagogia Histórico-Crítica
SNJ	Secretaria Nacional da Juventude
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidades Básicas de Saúde
MS	Ministério da Saúde
EE	Escola de Enfermagem
PSA	Programa Saúde do Adolescente
SNJ	Secretaria Nacional da Juventude

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 INTRODUÇÃO	14
1.1 O PROBLEMA E O OBJETO DE ESTUDO	14
1.2 PRÁTICAS DE SAÚDE NA ATENÇÃO BÁSICA DIRIGIDAS À POPULAÇÃO JUVENIL.....	17
1.3 AÇÕES PROGRAMÁTICAS EM UMA UBS: A PROBLEMATIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	19
2 FINALIDADE.....	24
3 OBJETIVOS	26
4 REFERENCIAL TEÓRICO	28
4.1 A JUVENTUDE.....	28
4.2 A ESCOLA COMO AGÊNCIA DE SOCIALIZAÇÃO	30
4.3. A EDUCAÇÃO A PARTIR DE OFICINAS EMANCIPATÓRIAS.....	34
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
5.1 TIPO DE PESQUISA.....	38
5.2 CAMPO DE ESTUDO	39
5.2.1 O local do estudo.....	39
5.2.2 A Escola	39
5.3 ANÁLISE DOS DADOS	40
5.4 ÀSPECTOS ÉTICOS.....	41
6. RESULTADOS E ANÁLISES	44
6.1 EIXO I	44
6.2 EIXO II.....	52

7 DISCUSSÃO	61
7.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
7.2 CONCLUSÃO.....	70
REFERÊNCIAS	71

Apresentação

APRESENTAÇÃO

Após me formar pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), em 2008, iniciei a minha trajetória na saúde pública como residente em uma equipe multiprofissional na cidade de Campinas. Esse período foi extremamente importante, pois me permitiu conhecer mais os princípios da saúde pública, em uma cidade com tanta história de luta pelo SUS. Foi em Campinas que pude conhecer profissionais que atuaram na construção de políticas públicas na área da saúde e que lutaram para a construção de unidades de saúde, profissionais respeitados academicamente, profissionais respeitados pela população.

Através da residência tive a oportunidade de entender mais sobre a construção do SUS, participar de discussões com nomes como Gastão Wagner de Sousa Campos, de aprimorar meu entendimento sobre o trabalho em rede, sobre o trabalho em equipe e a importância da construção em conjunto de ações na área da saúde. Ao estar lado a lado com profissionais que buscavam atuar em conformidade com os princípios do SUS, buscando alternativas para promover saúde, pude me inspirar a também ser uma profissional da área. Enfermeiras com anos de atuação e de luta não deixavam de militar pelo SUS incansavelmente, mostraram-me a importância de trilhar caminhos diversos e criar práticas de saúde que pudessem, de fato, transformar realidades.

Após a residência tive minha primeira experiência profissional como enfermeira, já na cidade de São Paulo. Ao me tornar enfermeira de Estratégia de Saúde da Família (ESF) em uma comunidade com tantas áreas de ocupação, com uma população tão carente de equipamentos e recursos da rede, reforçou em mim a vontade de buscar alternativas para aprimorar minha atuação profissional. Realizei uma pós-graduação pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que me aproximou ainda mais do referencial teórico da Saúde Coletiva e me incentivou a estudar mais a área. A experiência como enfermeira na zona oeste me possibilitou também conhecer e participar de discussões com mestrandos e doutorandos da Escola de Enfermagem (EE) da USP e me estimulou a buscar o desenvolvimento de um projeto que pudesse atender a população e influenciar no processo de trabalho como enfermeira da saúde coletiva.

A partir de uma roda de conversa durante o planejamento das atividades anuais da UBS, surgiu a vontade de trabalhar mais com os jovens (tão carentes de atividades específicas em nossa UBS). Percebemos que dentre todas as atividades em grupos oferecidas não tínhamos anteriormente o que ofertar para a população jovem. Surgiu, assim, a ideia de se

criar um SARAU, chamado de Saúde e Poesia, em que pudéssemos, através da arte, discutir questões atuais com os jovens da nossa área de abrangência. Com o passar do tempo, em meio à obrigatoriedade da realização das atividades do Programa Saúde na Escola, surgiu a necessidade de trabalhar uma questão tão presente na vida desses jovens, como são as drogas, mas de forma que pudéssemos ouvi-los, saber a real opinião sobre o assunto e discutir em conjunto como atuar sobre essa realidade. Foi então que decidimos, em equipe, fazer uso do jogo educativo “Cidade Dorme: representações cotidianas sobre drogas” para atuar como uma estratégia educativa que respeitasse os princípios da Saúde Coletiva.

A escolha dessa estratégia se mostrou acertada, uma vez que foi possível suscitar problematizações extremamente ricas sobre o assunto, algumas delas bem desafiadoras para a equipe. A partir do relato dessa experiência, formou-se a ideia deste trabalho, que objetiva desenvolver um processo educativo na perspectiva da educação emancipatória e discutir questões relevantes para o contexto social em conjunto com os jovens da própria comunidade.

1. Introdução

1 INTRODUÇÃO

1.1 O PROBLEMA E O OBJETO DE ESTUDO

O objeto deste estudo são as ações educativas voltadas para jovens, propostas no “Caderno de educação para ampliar a crítica sobre o consumo de drogas: como trabalhar com jovens” (Paixão, 2016), elaborado como instrumento pedagógico para profissionais das Unidades Básicas de Saúde (UBS) desenvolverem processos educativos com jovens.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2012 o Brasil contava com um contingente de 52,2 milhões de jovens na faixa etária dos 15 aos 29 anos de idade, o que representava uma parcela de 26,9% do total de habitantes do país (Waiselfisz, 2014). Ainda neste mesmo ano, chegava a 30% os jovens entre 18 e 29 anos que viviam em famílias com renda *per capita* de até meio salário mínimo (Santos et al., 2012). Segundo o Mapa da Violência, em 2016 chegou a 58% a participação juvenil no total de homicídios por arma de fogo (Waiselfisz, 2016). Em 2014, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a taxa média de desemprego entre os jovens de 15 a 24 anos no Brasil superou a média mundial (Guerra, Pochmann e Silva, 2015) e em 2016 houve um aumento de quase 3 pontos percentuais, o que deixou a taxa média de desemprego juvenil em 13,1% em 2016, sendo este o valor mais elevado em uma década; assim, o desemprego entre os jovens é 3,1 vezes maior do que entre os adultos com mais de 25 anos de idade (OIT, 2016). E o setor saúde, como vem contribuindo com essa população?

O sistema municipal de saúde em nosso país é organizado em diferentes níveis de atenção, sendo a atenção básica correspondente às unidades básicas de saúde, que possuem áreas geográficas e populações definidas sob sua responsabilidade, denominadas áreas de abrangência. As ações de saúde dessas unidades são organizadas por programas, como a saúde do adolescente. As UBS contam com diversos profissionais nas equipes de referências, como as Equipes de Saúde da Família formadas com médico, enfermagem e agente comunitário de saúde, que se vinculam a um certo número de cidadãos ou famílias pelos quais se responsabilizam, acompanhando-os ao longo das diferentes fases da vida (Campos e Guerreiro, 2013).

No âmbito estadual, teve início em 1986, quando o Estado de São Paulo lançou o Programa de Saúde do Adolescente (PSA); e no Federal, quando em 1989 o Ministério da Saúde (MS) criou o Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD), alvo de diversas críticas

e considerado limitado e incipiente (Amarante, 2007; Horta e Sena, 2010). Em 2005, o Ministério da Saúde volta-se para as questões dos jovens e, buscando fornecer subsídios para os profissionais atuantes na área, lança o documento “Marco Legal: Saúde, um direito de Adolescentes”, que apresentou instrumentos para a proteção dos direitos da juventude brasileira, com o objetivo de fornecer elementos para orientar práticas de saúde e diretrizes para políticas sociais voltadas a esse segmento da população. O Marco Legal incorporou uma nova linguagem no que se refere ao conceito de juventude, pois considera as condições sociais das diferentes juventudes, e abordou ainda a temática da saúde de trabalhadores jovens e questões relacionadas à violência. Também incorporou questões tradicionais da área da saúde para jovens – gravidez, HIV e doenças sexualmente transmissíveis (Amarante, 2007).

Em 2006, a área Técnica de Saúde da Criança e do Adolescente, através da portaria 1448/06-SMS, cria o Programa de Atenção à Saúde do Adolescente (PRO-ADOLESC), que traz como linhas prioritárias de trabalho as ações voltadas para a saúde sexual e reprodutiva e uso de drogas (Amarante, 2007).

Em 2007 foi publicado o documento “Saúde integral de adolescentes e jovens: orientações para a organização de serviços de saúde”, com o objetivo de estimular ações voltadas aos jovens nos serviços de saúde, que deveriam prever estratégias para trazer estes sujeitos para os serviços e oferecer-lhes ações resolutivas e participativas (Ministério da Saúde, 2007). Ainda em 2007, o Ministério da Saúde institui o Programa Saúde na Escola, uma política intersetorial que tem como objetivo a articulação entre as redes públicas de saúde e educação, buscando o desenvolvimento de estratégias intersetoriais que busquem a prevenção, promoção e atenção à saúde dos escolares. Dentre os temas abordados pelo Programa, temos: saúde sexual e reprodutiva; prevenção e redução do consumo de álcool e outras drogas (Ministério da Saúde, 2007).

Mais recentemente, em 2009, o Ministério da Saúde publicou o documento “Orientações básicas de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes nas Escolas e Unidades Básica de Saúde”, com o objetivo de estimular ações interdisciplinares; entretanto são os temas hegemônicos que continuam dominando o programa, como por exemplo a saúde sexual (Ministério da Saúde, 2009). Consequentemente, em estudo apresentado no site IBGE TEEN, em 2015, 87,3% dos estudantes disseram receber informações na escola sobre doenças sexualmente transmissíveis e AIDS e 79,2% dos estudantes disseram receber informações na escola sobre a prevenção da gravidez (IBGE TEEN, 2015).

Em 2010 foi promulgada a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 65, conhecida como PEC da Juventude, que incorporou o termo “Jovem” ao capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal, e em 2013 foi sancionado o Estatuto da Juventude. Também é da primeira década dos anos 2000 a Conferência Nacional de Juventude, que teve a primeira edição em 2008 e a última em 2015. Vale ressaltar que em seu primeiro artigo, esta Conferência, assim como a Secretaria Nacional da Juventude (SNJ), estabelece que são considerados jovens indivíduos entre 15 e 29 anos de idade (Waiselfisz, 2014).

Uma vez que são as políticas estatais, por meio dos programas, que orientam as ações dirigidas aos jovens, pode-se inferir que as ações de saúde voltadas a essa população continuam preponderantemente marcadas pelas características tradicionais, ou seja, são implementadas para tratar problemas já instalados, com a finalidade de manter as condições de trabalho da população. As ações são voltadas à assistência à gestante, ao planejamento familiar e ao controle de tuberculose (Amarante e Soares, 2009).

Com isso, embora haja políticas direcionadas às populações juvenis, estas estão voltadas ainda para agravos e riscos tomados como característicos da etapa da juventude. Sposito (2003, p. 72) aponta como desafio no processo de formulação das políticas de juventude a necessidade de se romper com a “ausência dos jovens na formulação de políticas públicas” e garantir as participações “dos jovens como sujeito de direitos, de modo a desconstruir arraigadas formulações que reiteram o tema de controle dos jovens e de sua identificação como problemas sociais”.

Como destaca Amarante (2007) em seu trabalho, as ações propostas para a juventude são em geral definidas a partir de dados quantitativos, sem considerar as diferentes inserções sociais destes, tornando-as distantes daquilo que é proposto pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Brasil, 1990).

Horta e Sena (2010) destacaram que apesar dos documentos oficiais estarem avançando em sua percepção acerca das diversas juventudes brasileiras, incluindo os componentes não só biológicos, mas emocionais e socioculturais, ainda é preciso avançar nas discussões sobre a concepção de juventude, uma vez que a forma como a percebemos é fundamental para planejar as ações a serem implantadas.

Para aferir quais ações dirigidas aos jovens os serviços da Atenção Básica à Saúde estão implantando, a seguir será apresentada uma análise da literatura.

1.2 PRÁTICAS DE SAÚDE NA ATENÇÃO BÁSICA DIRIGIDAS À POPULAÇÃO JUVENIL

Apesar de representar uma significativa parcela da população brasileira, ao realizar uma busca pelos trabalhos que falam sobre as ações desenvolvidas na atenção primária com os jovens, foi possível observar uma escassez de práticas voltadas para este grupo. Para conhecer os trabalhos que falam sobre a juventude na atenção básica no Brasil, realizou-se uma pesquisa na base de dados BVS (Portal Regional), Lilacs, BDENF, Scielo e Adolec. Foram utilizados os seguintes descritores: adolescente e atenção primária, acolhimento e adolescente e atenção primária, acolhimento e adolescente, atenção básica e adolescente, saúde do adolescente e atenção básica. Foram utilizados vinte e dois artigos em português, publicados nos últimos dez anos (2008 até 2018).

Amarante (2007), ao analisar as práticas de saúde específicas para a juventude na rede básica de serviços de saúde de uma Supervisão de Saúde na cidade de São Paulo, identificou que poucas são as práticas específicas para esta população e que, mesmo as existentes, dependem grandemente da “boa vontade” e interesse pelo tema dos profissionais de saúde.

Henriques (2009), ao investigar com profissionais de saúde da atenção básica de Viçosa-MG a respeito de práticas de saúde para a juventude, também ressaltou que as atividades direcionadas para este público eram esporádicas e voltadas especialmente para riscos e agravos.

Ayres et al. (2012) avaliaram 14 unidades básicas de saúde, com o objetivo de reconhecer alcances e limites à atenção ofertada aos jovens da zona oeste da cidade de São Paulo-SP. Os resultados identificaram que os programas da UBS seguiam um padrão homogêneo e as ações voltadas aos jovens visavam, sobretudo, aspectos da sexualidade e reprodução, corroborando a hipótese de que existe um olhar específico para este grupo, centrado em noções do que é considerado risco. Assim como no estudo de Amarante (2007), resultados da pesquisa de Ayres et al. (2012) identificaram práticas voltadas aos jovens implementadas por iniciativas individuais dos trabalhadores, bem como também sinalizaram com posições ainda impregnadas por fortes juízos morais entre os trabalhadores das UBS, que apenas distanciam os jovens dos serviços de saúde.

Da mesma forma, Branco et al. (2015) ressaltaram a tendência dos profissionais de saúde em julgar o comportamento dos adolescentes, contribuindo para distanciá-los dos

serviços. Tais achados coadunam com pesquisa realizada por Queiroz et al. (2011) e Costa, Queiroz e Zeitouni (2012), ambos em Fortaleza-CE, em que os profissionais de saúde mencionaram que a procura de serviços de saúde por jovens era escassa e só ocorriam em situações de agravos ou na gestação.

Macedo e Conceição (2013) fizeram uma análise de artigos brasileiros que utilizaram como metodologia grupos educativos desenvolvidos com adolescentes e mostraram que estes, além de apresentarem em sua maioria um enfoque biologicista, focavam essencialmente em prevenção dos chamados comportamentos de risco em saúde sexual e reprodutiva (42%), seguidos pelo abuso sexual (8%) e uso de bebidas alcoólicas e substâncias psicoativas (8%). Ressaltaram que a abordagem grupal era justificada pela finalidade de mobilizar os jovens, que 25% dos artigos referiam desenvolver grupos de discussão com enfoque participativo na educação em saúde, 17% dos artigos informaram que os grupos com os jovens tinham sido orientados pela pedagogia crítica-reflexiva de Paulo Freire e outros 17% referiam que as dinâmicas de grupos eram embasadas na teoria das representações sociais. Macedo e Conceição (2013) sinalizaram o equívoco da implementação de ações que objetivem “curar” ou “remediar” os males atribuídos aos jovens, tomados como um grupo homogêneo, ao invés de incentivarem o desenvolvimento de autonomia e apoio, considerando que os jovens vivenciam diferentes juventudes.

Já Vieira et al. (2014) ouviram 213 profissionais da Estratégia de Saúde da Família (ESF) na região do Cariri, no Ceará, e identificaram que, segundo a percepção destes, os adolescentes do território adscrito participam das ações propostas pela equipe. Entretanto verificaram que os serviços ofertados ainda focavam em atendimentos individuais, com predominância de ações curativas, voltadas para o pré-natal e planejamento reprodutivo. Dentre os trabalhadores envolvidos em atividades desenvolvidas para adolescentes, a maioria referiu realizar atividades grupais, em escolas (55,4%). Dentre as explicações atribuídas à dificuldade de participação dos adolescentes na ESF, foram relatadas pelos trabalhadores: a falta de disponibilidade dos profissionais (43,7%), o desconhecimento dos adolescentes com relação às ações ofertadas (42,3%), a falta de ações específicas para os adolescentes (26,3%) e, por último, a falta de habilidade dos profissionais para trabalhar com esta população (14,6%). Apesar de o estudo ter identificado a presença de jovens nos serviços, ressaltou o distanciamento entre os profissionais e os adolescentes, bem como o atendimento ainda centrado na assistência tradicional (Vieira et al., 2014).

O mesmo foi identificado por Nogueira, Modena e Schall (2010), em Belo Horizonte-MG, que ao ouvir os profissionais da atenção básica, concluíram que as ações voltadas para o público jovem ainda eram incipientes, pontuais e focadas em aspectos curativos.

Horta e Sena (2010) abordaram em seu estudo as ações de atenção à saúde dos jovens, propostas pelo Ministério da Saúde. Concluíram que o setor de saúde ainda foca na juventude sob a perspectiva de risco e vulnerabilidade, com ações simplistas e reducionistas. A análise de publicações realizada pelas autoras identificou ações identificadas com tratamento dos diferentes tipos de risco aos quais os jovens estariam expostos.

Marques e Queiroz (2012) ouviram adolescentes em Fortaleza, no Ceará, com o objetivo de captar a percepção do cuidado recebido na atenção básica. Os resultados mostraram que os adolescentes se sentiam insatisfeitos, relataram dificuldades na comunicação e no estabelecimento de vínculos com os trabalhadores da saúde. Alguns relatos indicaram o sentimento de desrespeito e a falta de acolhimento nas unidades de saúde; sentiam-se preteridos até mesmo quando buscavam informações ou orientações. Marques e Queiroz (2012) sugeriram que essas poderiam ser explicações para o afastamento dos adolescentes dos serviços de saúde.

Resultados semelhantes foram obtidos em estudo de Vieira et al. (2011), com jovens que avaliaram a assistência prestada a eles pela equipe de Saúde da Família (ESF). Os dados mostraram a dificuldade dos jovens para estabelecer vínculo com a equipe e o sentimento de não serem importantes para a equipe da SF. Além disso, o estudo também sinalizou a necessidade de implementação de ações específicas para esse grupo, porém mais amplas do que as comumente encontradas, que são limitadas às situações de risco.

Carpes et al. (2014) ouviu jovens de escolas públicas na região sul do Brasil, com o objetivo de captar a opinião dos escolares sobre os profissionais de saúde. Analisando os relatos identificaram que a maioria daqueles jovens gostaria de receber dos trabalhadores de saúde mais orientações de saúde, bem como pedir a eles que dessem mais atenção aos adolescentes.

Em síntese, os resultados descritos sinalizam que as práticas voltadas aos jovens, em UBSs, tomam como prioridade as situações consideradas de risco, dentre elas a gravidez, e são dependentes de vontades individuais dentro das UBSs.

1.3 AÇÕES PROGRAMÁTICAS EM UMA UBS: A PROBLEMATIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

O Programa Saúde na Escola (PSE) vem sendo desenvolvido anualmente desde 2011 na UBS Integrada V. Nova Jaguaré, com a realização pelos profissionais da saúde da UBS, de ações voltadas, principalmente, ao monitoramento de medidas antropométricas e verificação da saúde ocular dos escolares das escolas municipais da área de abrangência. O PSE, entretanto, busca a articulação intersetorial das redes públicas de saúde e de educação, trazendo como exemplo de outras ações a serem desenvolvidas com os jovens a prevenção e a redução do uso de álcool e outras drogas.

Nessa perspectiva, no segundo semestre de 2016, passaram a ser realizadas oficinas para introduzir discussões sobre o uso do álcool e outras drogas, em uma das EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) da área de abrangência da referida UBS. Foi utilizado, conforme sugestão da Supervisão de Saúde, o material fornecido pelo programa municipal #TamoJunto, que orienta sobre a prevenção do uso de álcool, tabaco e outras drogas. O #TamoJunto é um programa desenvolvido pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) e a Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras drogas (CGMAD) do Ministério da Saúde. Trata-se da primeira versão brasileira de uma metodologia elaborada por pesquisadores europeus, chamada Unplugged, que tem como base o modelo de promoção de habilidades da vida, definido pelo tripé: a) promoção de habilidades de vida, b) informações sobre drogas, c) pensamento crítico a respeito do uso de drogas dos educandos. O documento traz atividades “interativas, utilizando vivências e dinâmicas que têm como objetivo aproximar os alunos, fomentar a discussão de forma crítica e fortalecer vínculos positivos entre os educandos” (Fiocruz, 2014).

Para problematizar o conhecimento destes jovens sobre o tema exposto, as oficinas foram conduzidas por trabalhadores da UBS – uma enfermeira, dois terapeutas ocupacionais, e seis agentes comunitários de saúde. As atividades foram realizadas em três turmas diferentes do Nono Ano, constituída por jovens entre 13 até 15 anos. Com o objetivo de unir o conhecimento teórico dos profissionais envolvidos, com as práticas sociais observadas por esses e pelos alunos, foram discutidos os seguintes tópicos em cada oficina: fatores de risco e proteção para o uso abusivo de álcool e drogas; fatores que influenciam decisões de vida dos jovens; projetos para o futuro.

Os trabalhadores da saúde envolvidos nessas oficinas julgaram, entretanto, que o material subsidiado pelo programa #TamoJunto trazia uma visão predominantemente funcionalista, ao buscar trabalhar principalmente fatores de risco e proteção, e, na tentativa de acrescentar outros elementos nas oficinas que pudessem aprofundar as discussões de forma

crítica, a partir da perspectiva da saúde coletiva, foi utilizado o jogo “Cidade-Dorme: representações cotidianas”¹ para discutir representações comuns aos jovens da periferia sobre as drogas (entre elas as duas expressões do jogo: “as drogas destruíram as favelas e as comunidades” e “o traficante de droga é uma pessoa má” (Pasquim e Soares, 2016).

As duas expressões valorativas escolhidas para o jogo tinham como objetivo problematizar duas representações cotidianas ilusórias: primeiramente que as favelas não são resultados de uma destruição promovida pelo consumo de drogas, mas uma guerra às drogas, e que as desigualdades sociais presentes são também frutos de uma criminalização à pobreza; e em segundo lugar, que os pequenos e grandes traficantes buscam dentro do sistema capitalista diferentes lucros e são motivados por diferentes contextos sociais. Ainda para reforçar a diferença desses contextos sociais em se tratando do consumo de drogas, fez-se uso da música “Vasilhame”, composta pelo rapper paulista Criolo²:

Fala pra mim qual das três é mais vendida:
Cerveja, Maconha ou Cocaína?
Fala mim quem recebe um pano dos pelego:
Bebedor, Cherador, ou Maconheiro?
Aí depende, se é pobre ou se é rico
Porque dinheiro é dinheiro e o poder tá corrompido.

Estas oficinas suscitaram nos jovens questionamentos crítico-reflexivos importantes sobre o contexto social destes enquanto sociedade, corroborando o interesse do estudo em aprofundar essas reflexões em conjunto com os jovens. Dentre estes pontos levantados podemos destacar algumas reflexões homogêneas entre as turmas:

a) a deterioração da educação pública (ausência de materiais escolares, a precarização dos docentes) e o consequente reflexo disso em acentuar as desigualdades sociais (já que reflete numa desvantagem competitiva futura para este jovem) de forma mais significativa para os alunos do que o consumo de drogas;

b) os traficantes locais enquanto sujeitos em busca de uma forma de sustentar suas famílias (uma vez que não há trabalho formal para todos), e assim não merecedores de um julgamento que os classificaria como pessoas “más”, e o quanto os consumidores, não

¹ Jogo educativo que pretende provocar a crítica social sobre a questão das drogas, idealizado a partir da perspectiva da saúde coletiva pelo grupo de pesquisa “Fortalecimento e Desgaste no Trabalho e na Vida: bases para a intervenção em saúde coletiva”, da Universidade de São Paulo, coordenado pelas professoras Cassia Baldini Soares e Celia Maria Sivalli Campos.

² Criolo é o nome artístico de Kleber Cavalcante Gomes, que nasceu em São Paulo, em 5 de setembro de 1975. Lançou a música “Vasilhame” no seu dvd “Criolo Doido Live in SP”, em 2010.

moradores das comunidades, auxiliam no fortalecimento do tráfico e na marginalização das favelas;

c) o papel da polícia enquanto sujeito opressor, que sobe os morros em busca de dinheiro de propina, e apresenta-se distante do seu papel de proteger socialmente aqueles que moram nas favelas;

d) a ausência do interesse político em “investir” nas favelas, e assim, a ausência de atividades que proporcionem lazer no contratempo escolar e funcionem como alternativas ao “fator de proteção” de permanecer trancafiados em casa para não correrem o risco de experimentarem as drogas.

As discussões e questionamentos protagonizados pelos jovens nestes breves encontros demonstraram aos trabalhadores de saúde a força crítica do pensamento juvenil e nos instigaram a refletir sobre quais instrumentos poderiam ser utilizados para facilitar a realização de processo educativos críticos com estes jovens, numa proposta diferente da hegemônica (aquela pautada na transmissão horizontal de conhecimentos e normas), mas sim numa proposta reflexiva que pudesse fortalecer os jovens na compreensão de sua realidade social e culminar em transformações das práticas sociais.

Os questionamentos e reflexões dos jovens participantes mobilizaram a enfermeira e o restante da equipe a organizarem um processo educativo que superasse a limitação da discussão pela via dos “fatores de risco” e “fatores de proteção” e pudesse se aproximar dos princípios da educação emancipatória.

As produções científicas advindas do campo da Saúde Coletiva mostram o quanto as diferentes formas de trabalhar e viver de cada grupo social submetem os jovens a potenciais de desgastes e fortalecimentos que impactam diretamente no processo saúde. Portanto, processos educativos que tenham como finalidade atingir a origem dos problemas/fenômenos trazidos como problemas, e não só as consequências já instaladas no corpo bio-psíquico, devem partir das condições de trabalho e vida dos envolvidos no processo para examinar a origem dos fenômenos e compreender a sua determinação, para então elaborar proposições de respostas a eles, em conjunto com todos os envolvidos no processo.

A saúde coletiva mostra a necessidade de que sejam realizados discussões sobre os conhecimentos provenientes das práticas educativas que consideram as formas de trabalhar (modo de produção) e de viver, especialmente dos grupos sociais de áreas precarizadas.

2. Finalidade

2 FINALIDADE

Contribuir com a construção de projetos educativos emancipatórios que tenham como participantes jovens e trabalhadores da atenção básica de saúde – com base na perspectiva da Saúde Coletiva.

3. Objetivos

A decorative horizontal flourish with symmetrical, swirling, leaf-like patterns at both ends, positioned below the section header.

3 OBJETIVOS

- desenvolver e propor o aprimoramento do “Caderno de educação para ampliar a crítica sobre o consumo de drogas: como trabalhar com jovens” (Paixão, 2016) a partir da realização de oficinas emancipatórias com jovens e trabalhadores de saúde.

4. Referencial Teórico

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Desde o final do século XVIII, busca-se definir, através de uma cronologização dos indivíduos jovens, quando a juventude começa e termina, com o principal objetivo de orientar as ações do Estado e das instituições socializadoras para resolver os diversos problemas que envolvem este grupo (Groppo, 2004).

4.1 A JUVENTUDE

De modo predominante, utiliza-se a concepção biologicista, ou psicologista, para definir a juventude, incorporando elementos emocionais e físicos para entender a crise das transformações desta fase da vida, tomando-se juventude como fenômeno de caráter universal, vivido igualmente por todos numa dada faixa etária (Viana, 2015; Soares, 2009). Esta concepção naturaliza a juventude como uma etapa em que todo jovem passaria pelos mesmos problemas relacionados à idade. A adolescência constituir-se-ia predominantemente em um processo biológico, uma fase preparatória para a fase adulta (Soares, 2009).

A imagem da juventude produzida pelo mundo adulto ainda é majoritariamente evolucionista-cumulativa, baseada na teoria de Piaget, de que o indivíduo jovem é um ser incompleto e atinge o mundo ideal ao acumular responsabilidades sociais e tornar-se um adulto padrão (Viana, 2015). Segundo essa visão funcionalista, um adulto torna-se responsável quando adquire estados “normais”, formados por um conjunto de responsabilidades ocupacionais, conjugais e familiares. Assim, os jovens vão adquirindo o estatuto de adultos quando vão contraindo tais responsabilidades (Pais, 1990; Groppo, 2000).

Vem da sociologia funcionalista a preocupação em fazer com que os adolescentes consigam assumir esses papéis sociais esperados, num processo linear crescente. Da mesma forma, há a preocupação com os jovens que não cumprem esse processo linearmente, sendo esses classificados como disfuncionais (Soares, 2007). Eisenstadt (1976 apud Groppo, 2000, p. 43) alerta que a passagem da infância à maturidade, na modernidade, é problemática já que os jovens encontram dificuldades em construir suas funções sociais, em uma sociedade universalista, com critérios iguais de desempenho e especialização. Groppo (2004, p. 4) define essa “naturalização” da juventude em uma categoria etária como mais um “construto” da modernização burguesa, o que apenas reforçou a heterogeneidade desta categoria.

A modernidade traz consigo um processo de cerceamento político, policial, moral, empírico e científico do indivíduo. As ciências médicas e a psicologia buscam uma

definição exaustiva, detalhada e objetiva das fases de maturação desse indivíduo, bem como propõem métodos de acompanhamento apropriados a cada fase dessa evolução do indivíduo à maturidade ou idade adulta. Trata-se do fenômeno de ‘naturalização’ e objetivação das faixas de idade pelas técnicas sociais e pelas ciências médicas e humanas, que enfatizou principalmente a infância e a juventude (Groppo, 2000, p. 59).

No entanto, cientistas sociais, com orientação de escolas teóricas não funcionalistas, buscam desvencilhar essa perspectiva explicativa das ciências naturais ao defender que a juventude é um fenômeno social, portanto que acompanha a formação social de determinados processos históricos. No modo de produção capitalista, coerentemente em relação à heterogeneidade dos grupos sociais que compõem a sociedade, o contexto da juventude é heterogêneo, uma vez que o processo de formação da identidade do ser humano caracteriza-se pelos diferentes fenômenos de suas experiências, observações e reflexões. Sendo assim, não se tem juventude como processo homogêneo, mas sim juventudes (Soares, 2007).

Mannheim, um dos primeiros a contextualizar melhor a juventude enquanto realidade social (1982 apud Groppo, 2000), a considera como uma das fontes primordiais de identidade social no mundo moderno, apesar de naturalizar a juventude como uma “unidade de geração”. Para Mannheim, a juventude e as novas gerações aparecem como forças transformadoras da modernidade (1978 apud Groppo, 2000, p. 25). Groppo, ao buscar aprofundar tal concepção, procura disseminar a concepção dialética da juventude, ressaltando as inúmeras contradições dos grupos juvenis. Deve-se considerar a multiplicidade das juventudes, as diferentes identidades juvenis, hoje expressas por símbolos, estilos e linguagens únicas em cada grupo (Groppo, 2000). Enquanto categorial social, a juventude não pode ser limitada, mas sim vista como historicamente construída a partir da dialética inerente ao modo de produção, tornando-se visível ao promover ameaças à ordem e por meio de diferentes manifestações (Soares, 2009).

Pais (1990, p. 146) afirma que um dos desafios da sociologia é justamente o da “desconstrução sociológica de alguns aspectos da construção ideológica da juventude que, em forma de mito, nos é dada como uma entidade homogênea”. Ou seja, reforça essa necessidade de se explorar não apenas as similaridades, mas as diferenças sociais existentes neste grupo tão heterogêneo. Não basta enxergarmos os jovens com problemas comuns de inserção profissional, problemas de droga, problemas de delinquência, se não identificarmos quais problemas os jovens de fato reconhecem em cada contexto social.

Groppi (2000) ressalta que para entender as complexidades das condições juvenis modernas é necessário analisarmos a juventude como uma categoria social e não mais uma categoria natural delimitada por uma faixa etária. Segundo este autor, “a juventude trata-se de uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. É uma categoria que opera tanto no âmbito do imaginário social, quanto é um dos elementos estruturantes da rede de sociabilidade” (2000, p. 3).

Soares (2007) afirma que é possível determinar que a constituição dessa juventude se depare com a contradição de ser ao mesmo tempo produto e foco do questionamento da sociedade de mercado. Acredita-se que as transformações promovidas pelo capitalismo afetam significativamente o sistema de valoração da juventude (Santos et al., 2012). Enquanto Marx pensava em explicar as lutas de classe e a contradição entre os elementos constitutivos da vida e as relações de produção, da mesma forma diversos autores fazem uso dessa mesma lógica para compreender a dialética juvenil, dentro da sociedade moderna (Groppi, 2000). Seja para buscar explicar os problemas da condição juvenil, os efeitos desta em sua busca por autonomia e identidade, ou na criação de movimentos críticos em diferentes grupos sociais, a dialética das juventudes modernas e contemporâneas torna-se um fundamental portal até para entendermos a sociedade como um todo (Groppi, 2000).

4.2 A ESCOLA COMO AGÊNCIA DE SOCIALIZAÇÃO E A EDUCAÇÃO CRÍTICA

Viana (2015) afirma que a definição que avança no processo de análise da identidade da juventude é aquela que considera a juventude “um grupo etário composto por jovens, isto é, indivíduos inseridos no processo de ‘ressocialização’, sendo esta ressocialização o elemento mais forte para caracterizar tal juventude, para sua experiência social” (Viana, 2015, p. 27).

O processo de ressocialização é aquele no qual o indivíduo passa da socialização (ou socialização primária como colocam alguns autores) para a ressocialização (ou socialização secundária, segundo outra forma de denominar esse processo). A socialização visa preparar o indivíduo para se tornar um ser social e, ao mesmo tempo, para a sociedade (uma determinada sociedade) em que vive e, em alguns casos, para o seu lugar na divisão social do trabalho. Assim, a socialização tem um caráter universal ao contribuir para a formação do ser social. Esse processo de socialização é o passo para a entrada na vida adulta. Contudo, na sociedade capitalista, a passagem da socialização para a vida adulta é mediada pela ressocialização (Viana, 2015, p. 59).

A ressocialização tem como foco o processo de preparação dos jovens para se integrarem socialmente, para cumprir o que lhes é esperado – assumir múltiplas

responsabilidades. Enquanto a criança é socializada pela família, escola e comunidade, o jovem recebe uma ressocialização específica, predominantemente com caráter profissionalizante, fundamental em seu processo de criação de identidade. Segundo Avanzini (1980 apud Viana, 2015, p. 28): “o grupo etário é constituído em uma sociedade na qual a passagem da infância para a idade adulta é mediada por um período de formação, mais ou menos, longo, no qual algumas instituições serão fundamentais, especialmente a escola”. Isto porque a escola é a responsável por ofertar esta nova socialização para que o jovem entre no mundo adulto conforme esperado.

O jovem pode ser oprimido e controlado em várias instituições, seja ao falarmos de sua imagem, suas aspirações profissionais ou seus planos de vida (Viana, 2009). A ressocialização promovida por essas agências pode ser um processo de repressão de necessidades e potencialidades, afinal é um processo de formação da identidade da juventude pelo outro, que visa desenvolver valores e saberes que os tornem “adultos melhores”, seguindo um padrão imposto por uma sociedade (Viana, 2015). Inúmeras são as agências destinadas à juventude, justamente pela complexidade da sociedade moderna. Entretanto, destas, três podem ser consideradas as principais: sistema escolar educacional, as agências juvenis mantidas por adultos e os grupos juvenis espontâneos. Dentre essas, a escola é aquela destinada na sociedade moderna a preparar o jovem para sua “grande especialização”, ou seja, assumir sua vida econômica e profissional (Eisenstadt, 1976 apud Groppo, 2000, p. 42). O que torna-se bastante significativo se considerarmos que a relação dos jovens com o trabalho manifesta-se nos dilemas existenciais, na vida psíquica e nas representações destes. O trabalho, quando alienado, anula a possibilidade de intencionalidade, da finalidade, do plano e projetos de vida (Viana, 2015).

Com o advento do capitalismo, a escola é significativa no processo de preparação e reprodução da força de trabalho (Viana, 2015). A escola chega a esvaziar-se de sua função de socializar o conhecimento elaborado para assumir a função de uma agência destinada a minimizar as contradições da sociedade capitalista (Saviani, 2012). Além disso, vale lembrar que hoje há uma tendência a “hipertrofiar a escola”, ou seja, ampliar a sua esfera de ação educativa em detrimento de outros espaços, como a família; o que reforça a importância da educação escolar no desenvolvimento do homem (Saviani, 2012). Assim, pode-se dizer ainda que a escola é a responsável por afastar os jovens do convívio com as crianças e gerações mais velhas, colaborando para a formulação de uma educação específica para a condição juvenil na sociedade moderna (Tomazetti et al., 2011).

Assim, como ressalta Mészáros, não é possível pensar na universalização da educação sem falar sobre a universalização do trabalho, uma vez que as duas dimensões possuem caráter indissociável (Oliveira, 2006). Influenciado especialmente pelos argumentos de Marx e por Gramsci, Mészáros apresentou em 2004 o livro *A educação para além do capital*, onde critica a educação institucionalizada sob o domínio do capital e discorre sobre o papel da educação e a possibilidade de contribuir com a estruturação de práticas capazes de promover mudanças sociais. Deste modo, com a mesma noção deixada por Gramsci, lembra que a hegemonia se fortalece sob a armadura da coerção. Para Mészáros, ao tratarmos da educação é “necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente” (Mészáros, 2008, p. 27).

A educação burocrática, oferecida hoje na sociedade moderna, guarda relação com a educação bancária, que entende o educando como um objeto passivo que deve ser adaptado, moldado conforme os interesses das classes dominantes (Viana, 2008). O objetivo da educação bancária é transmitir valores de conformidade, transformando a mentalidade dos oprimidos para consolidar a prática da dominação (Freire, 2011). Soares (2007) afirma que a educação tradicional se institui como um processo que tem “objeto, meios e instrumentos e uma finalidade voltados à manutenção e reprodução de valores e de práticas hegemônicas”, ou seja, da classe burguesa.

A escola, entretanto, também pode tomar o papel de proporcionar a ampliação da experiência de vida dos jovens, a abertura de novas interações com o outro (Tomazetti et al., 2011). A educação possui a tarefa de auxiliar na vigilância crítica, de fomentar reflexões radicais rigorosas sobre o conjunto de problemas que a realidade apresenta, ou seja, faz-se importante assim o papel da escola em voltar os olhos para a realidade atual (Saviani e Duarte, 2012). Em outras palavras, é necessário pensar em uma educação escolar capaz de incorporar a vida dos jovens e amenizar situações de desinteresse e desmotivação. Uma das formas de se fazer isso é incluindo os jovens nos projetos escolares, estimulando o diálogo e a reflexão (Tomazetti et al., 2011).

Diz muito mal e muito bem da nossa juventude. Todavia, estas definições não são corretas porque exprimem acerca da juventude uma apreciação estática, a juventude tornar-se-á melhor ou pior consoante o modo como seremos capazes de organizar as suas atividades concretas no meio em que vive... para que se torne apta a realizar as tarefas futuras e conforme o que soubermos fazer para facilitar o desenvolvimento interior dos jovens (Suchodolski, 1992 apud Lombardi e Saviani, 2008).

Nessa perspectiva, encontra-se a educação crítica. Desenvolvida a partir dos anos 1960, a educação crítica tem como preocupação a dominação das elites. Educadores críticos, como Paulo Freire, Dermeval Saviani e Vitor Paro buscam através de suas contribuições promover a discussão sobre uma educação contra-ideológica, que possibilite essa reflexão sobre as contradições sociais (Cordeiro, 2016). Ao situar a educação como potencial para uma transformação e superação da sociedade capitalista, admite-se a natureza epistemológica da educação como prática social (Lombardi e Saviani, 2008). Para tais autores, é fundamental a conscientização da classe dominada para que se possa alcançar a transformação social desejada. Deve-se contradizer o que disse Adam Smith, em que se admite a necessária instrução aos trabalhadores, “porém, em doses homeopáticas” (Saviani, 2013, p. 85).

No processo de educação crítica há uma relação dialética entre educador e educando para ao final haver a construção do saber – o educador propicia condições para que o educando, seu objeto de trabalho, aprenda, e o educando é também sujeito deste processo e participa na elaboração do produto final (Paro, 2010). O processo educativo, já dizia Freire (2011), é um processo de trabalho que procura criar a possibilidade de produção do conhecimento com base na experiência dos educandos. O objeto do processo educativo é a práxis – ações que busquem transformar a natureza e sejam transformadas por ela – assim o sujeito e a cultura dos grupos, instituições e a sociedade são dialeticamente transformados (Pereira apud Almeida, Trapé, Soares, 2013). Paro (2010, p. 49) ressalta que “o poder do educador se manifesta em ambos os sentidos: como capacidade de agir e como capacidade de mudar o comportamento dos outros”.

Quanto mais progride a humanidade, mais rica é a prática sócio-histórica acumulada por ela, mais cresce o papel específico da educação e mais complexa é a sua tarefa. Razão por que toda etapa nova no desenvolvimento da humanidade, bem como dos diferentes povos, apela forçosamente para uma nova etapa no desenvolvimento da educação: o tempo que a sociedade consagra à educação das gerações aumenta... Esta relação entre o progresso histórico e o progresso da educação é tão estreita que se pode sem risco de errar julgar o nível geral do desenvolvimento histórico da sociedade pelo nível de desenvolvimento do seu sistema educativo e inversamente” (Leontiev, 2004 apud Paro, 2010, p. 51).

A educação crítica busca tornar-se um instrumento a serviço da instauração de uma sociedade igualitária, sendo decisiva no processo que impulsiona a transformação da sociedade (Saviani, 2013). Assim, a educação crítica assume uma importância política ao buscar promover uma discussão para além daquela que trata da polarização do controle dos meios de produção em um sistema capitalista (aqueles que controlam os meios de produção x

detentores das forças de trabalho), mas busca falar sobre como transformar a classe trabalhadora intelectualmente, tornando possível para essa compreender todas as etapas dos processos de produção (Paro, 2010), superando a contradição pela tomada de consciência (Lombardi e Saviani, 2008), ou seja, tornando o trabalhador um sujeito com visão ampla das relações de produção (Groppo, 2010).

Tomando como referência a educação crítica, Soares (2007) apresenta sob este aspecto das teorias críticas a educação emancipatória como sendo a “união dialética entre teoria e prática, a mediação do professor entre os alunos e o conhecimento acumulado, a disponibilização das ferramentas culturais e sua efetiva incorporação pelos sujeitos”, prática do processo educativo capaz de consolidar a práxis social criativa e libertadora.

Influenciada pela ontologia de Lukács, a educação apresenta-se como uma práxis não relacionada diretamente à transformação da natureza em um produto material, mas a práxis que busca influenciar na escolha das alternativas a serem adotadas por outros indivíduos (Almeida, Trapé, Soares, 2013). Nesta modalidade, estimula-se a participação consciente dos sujeitos de pesquisa no processo de reflexão crítica sobre uma realidade, buscando entender as determinações e contradições do mesmo (Cordeiro e Soares, 2013).

4.3. A EDUCAÇÃO A PARTIR DE OFICINAS EMANCIPATÓRIAS

Viana (2015) ressalta como o processo de ressocialização pode ser uma maneira que busca desenvolver nos jovens valores de conformação, sentimentos e habilidades adequados para serem o “adulto-padrão”, e que os transforma em produtos do capitalismo, alvo de publicidade veiculada pelos meios oligopolistas de comunicação e de outros mecanismos de controle de identidade. Quando a escola se propõe através do seu ensino exercer essa violência cultural e disciplinar, torna-se instrumento para transformar esses indivíduos jovens no que é necessário para se ter a reprodução do capital.

As características do novo regime de acumulação (neoliberalismo), que buscam aumentar a exploração de forma integral, permeiam as relações de juventude, trabalho e educação na contemporaneidade. Há um processo de precarização da força de trabalho, de desvantagem competitiva para os jovens das classes exploradas e de consequente aumento do desemprego, da criminalidade e dos conflitos. Isso transforma a juventude em um mercado consumidor e uma manifestação cultural do capital (Viana, 2015).

A partir do modo de produção capitalista, há uma transformação do consumo e da forma como este se dá, somada ao processo de desumanização das relações e da vida humana (Santos, 2008). Há uma exploração capitalista não só do trabalho, mas de condições de vida, como o “tempo dedicado ao lazer” sob o domínio do “espírito comercial” (Mészáros, 2008).

Vivemos sob condições de uma desumanizante alienação e de uma subversão fetichista do real estado de coisas dentro da consciência, porque o capital não pode exercer suas funções sociais metabólicas de ampla reprodução de nenhum outro modo. Mudar essas condições exige uma intervenção consciente em todos os domínios e em todos os níveis da nossa existência individual e social (Mészáros, 2008, p. 59).

Segundo Silva (2013), mesmo que não exista no interior da teorista marxista uma proposição única sobre o tema, a ideologia dominante pode ser seguramente apontada como o conjunto de ideias da classe social dominante, uma “consciência invertida da realidade social” que é associada ao atributo de moldar o comportamento dos sujeitos a partir de suas subjetividades e objetividades, um fenômeno que impulsiona a engrenagem capitalista em torno de um arranjo social.

Dentro da era neoliberalista, a ideologia capitalista diz respeito a determinada organização da sociedade, que inclui comportamentos, reações e concepções, todos rumo aos interesses sociais do projeto político que mantém o metabolismo social do capitalismo. A ideologia capitalista constrói sujeitos em movimento, incessantemente dispostos a contribuir para a máquina do capital. Conforme Chauí (1980) afirma: “a ideologia é o processo pelo qual as ideias da classe dominante se tornam ideias de todas as classes sociais”, e assim, essa ideologia capitalista constrói sujeitos em movimento, incessantemente dispostos a contribuir para a máquina do capital.

Dardot e Laval (2016) acrescentam que a racionalidade neoliberal se traduz em uma ideologia que prega a “equidade” através de uma responsabilidade individual e que propõe um discurso de um “sujeito moderno” que ao final tem como objetivo a aceitação das vantagens da globalização, das virtudes da concorrência e da economia de mercado. Mészáros (2004) afirma que a verdadeira natureza estabelecida entre o complexo histórico das necessidades sociais e as manifestações cultural-ideológicas, que emergem dessa base capitalista, responde ativamente e até ajuda a articular as necessidades que proliferam na sociedade.

A ideologia não é ilusão nem superstição religiosa de indivíduos mal-orientados, mas uma forma específica de consciência social, materialmente ancorada e sustentada. Como tal, não pode ser superada nas sociedades de classe. Sua persistência se deve ao fato dela ser constituída objetivamente (e constantemente reconstituída) como consciência prática inevitável das sociedades de classe,

relacionada com a articulação de conjuntos de valores e estratégias rivais que tentam controlar o metabolismo social em todos os seus principais aspectos (Mészáros, 2004, p. 65).

A ideologia é “um retrato pelo qual o sujeito apreende o mundo que o envolve” (Silva, 2013, p. 10), dessa forma é inevitável que os jovens apresentem e reproduzam específicas representações deste quadro, apreendidas conforme a ideologia capitalista. Assim, torna-se imprescindível que sejam promovidas discussões sobre os diversos contornos deste mesmo panorama, em conjunto com os jovens.

Através da educação crítica é possível realizar um debate estrutural sobre os diferentes elementos da ideologia dominante que engendram a juventude através dos processos de ressocialização, permitindo visibilidade aos diversos saberes, garantindo voz aos jovens de periferias (tão privados de voz por sua hierarquia social) e fortalecendo o processo de criação de ferramentas que promovam transformação social.

Como ressaltam os historiadores marxistas Wood e Foster (1999, p. 20), a mágica é reagir às condições do mundo de hoje não como robôs alegres (ou mesmo infelizes), mas como críticos. O processo educativo que se apoia nessa abordagem traz como objetivo instrumentalizar a juventude, das diferentes classes sociais, para compreender as raízes dos determinantes históricos e sociais do processo saúde, assim como busca também apoiar o movimento social (movimentos estudantis, por exemplo) que pressiona o Estado por melhores condições de trabalho e de vida para a população (Almeida, Trapé e Soares, 2013).

Segundo Almeida, Trapé e Soares (2013), através das oficinas emancipatórias, instrumento privilegiado da educação na atenção básica, pode-se alcançar o conhecimento, historicamente acumulado, necessário para que se promova uma análise crítica da realidade, como a dimensão política do consumo de drogas e outras mercadorias, junto com a criminalização da pobreza (Pasquim, 2017). De acordo com Mészáros: “precisamos urgentemente de uma atividade de contra-internalização” que possibilite alternativa duradoura à forma dominante que nos é imposta de conformismo com os modelos atuais (2008, p. 56).

5. Procedimientos Metodológicos

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5.1 TIPO DE PESQUISA

O presente estudo se trata de uma pesquisa qualitativa a ser desenvolvida com a metodologia da pesquisa-ação emancipatória (PAE). A pesquisa-ação constitui metodologia de investigação que possui o objetivo de integrar pesquisa e reflexão crítica sobre a prática, além de aproximar o sujeito pesquisador à pesquisa, a partir de conhecimentos da Psicologia e Ciências Sociais.

Na vertente marxista, o processo saúde é dependente dos estágios de produção e reprodução social. Assim, a saúde coletiva propõe que o processo educativo também tenha como tema a realidade de saúde e social de cada grupo, para que a partir disto haja a politização da realidade e o engajamento na luta contra as contradições (Soares, 2007; Soares, Cordeiro e Campos, 2013). Desta forma, em conformidade com os fundamentos da Saúde Coletiva, a pesquisa-ação emancipatória propõe estimular a participação dos jovens na elaboração dos programas educativos sobre o tema drogas, a partir da problematização crítica da realidade em que estão inseridos (Oliveira, Soares e Silva, 2016).

Ao adotar a expressão pesquisa-ação emancipatória, busca-se demonstrar como as práticas de saúde podem ser desenvolvidas para serem práxis críticas/inovadoras, que articulam teoria e prática e que configuram respostas para os diferentes grupos sociais frente às suas contradições (Soares, Cordeiro, Campos, 2013). A PAE busca relacionar, na perspectiva dialética, os problemas cotidianos (microcontextos) com aspectos da estrutura e dinâmica social (macrocontextos), atingindo a essência dos problemas por meio do pensamento crítico (Tripp, 2005 apud Oliveira, 2015). Dessa forma, os participantes são “incentivados a buscarem conhecimento e outras ferramentas para compreender os problemas relacionados com a totalidade social”, para assim buscarem as determinações e contradições destes problemas, propondo, neste contexto, as causas e alternativas para as adversidades determinadas (Oliveira, Soares, Silva, 2016).

5.2 CAMPO DE ESTUDO

5.2.1 O local do estudo

A pesquisa foi realizada na periferia da zona oeste da cidade de São Paulo, no território do Jaguaré, bairro divisa com outro município (Osasco). Estima-se que a favela Vila Nova Jaguaré seja uma das maiores da cidade, com mais de 12 mil habitantes, e tenha sido formada fundamentalmente nas décadas de 1970 e 1980 como consequência das indústrias da região – inúmeras são as indústrias/empresas instaladas na região o que confere atração para diferentes tipos de trabalhadores, desde grandes empresários até trabalhadores braçais informais. Trata-se de um bairro conhecido pela sua heterogeneidade de território, com uma estimativa de doze áreas de ocupação e uma área nobre próximo à grandes centros comerciais e um enorme parque. Segundo dados do IBGE, 26,5% da população do Jaguaré tem menos de 18 anos (IBGE, 2011).

Mapa – Região Oeste da Cidade de São Paulo

5.2.2 A Escola

A pesquisa foi realizada em uma escola pública de ensino fundamental e médio, situada na periferia do território do Jaguaré, São Paulo (SP). Na escolha da escola foram considerados os seguintes critérios: a instituição já desenvolve trabalhos com jovens, inclusive, tendo firmado parcerias anteriores com os trabalhadores da UBS; a escola manifesta interesse em discutir questões relacionadas à saúde com os jovens e demonstrou disponibilidade de ser o local de realização da pesquisa.

A escola tem a seguinte estrutura: é dividida em salas de aula, sala de professores, biblioteca, sala de informática e quadra coberta. Há diversos projetos extracurriculares, tais como: aulas de violão, projetos com grafite, blog, saraus e práticas de esportes.

Os jovens, pesquisadores internos, que aceitaram participar das oficinas emancipatórias a partir do convite dos pesquisadores assinaram, previamente ao início das oficinas, um Termo de Assentimento e os pais assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para os filhos menores de 16 anos) (ambos em anexo). As oficinas contaram com a participação de: nove jovens, entre 16 e 17 anos; quatro do sexo feminino e o restante do sexo masculino; quatro pardos, três negros e dois brancos; todos moradores das áreas mais precarizadas do bairro. Os jovens participantes fazem parte do grêmio estudantil da escola selecionada e são engajados em múltiplas atividades extracurriculares, como dança, música e teatro.

Também participaram, como pesquisadores externos, trabalhadores da UBS envolvidos com o Programa Saúde na Escola.

Nas oficinas participaram os seguintes trabalhadores:

- 2 enfermeiras de saúde da família, com formação em Saúde Coletiva e com mais de cinco anos de atuação na área;
- 1 educador físico, doutor em Saúde Coletiva, membro do grupo de pesquisa “Fortalecimento e Desgaste no Trabalho e na Vida: bases para a intervenção em saúde coletiva”, cadastrado na USP e CNPQ e responsável pelo desenvolvimento do Caderno empregado;
- 1 assistente social, mestre em Ciências da Saúde, atualmente graduando de Ciências Sociais, com mais de dois anos de atuação na área de abrangência;
- 1 agente comunitário de saúde, rapper, letrista, com mais de cinco anos de atuação na área de abrangência da UBS.

5.3 ANÁLISE DOS DADOS

Foram realizados encontros, antes das oficinas propriamente ditas, com o objetivo de apresentar o projeto aos responsáveis pelo andamento da atividade da escola: a coordenação geral e a coordenação da EMEF (anuência em anexo).

O material educativo desenvolvido pelo grupo de pesquisa “Fortalecimento e Desgaste no Trabalho e na Vida: bases para a intervenção em saúde coletiva”, cadastrado na USP e CNPQ, foi utilizado para ancorar as oficinas emancipatórias desenvolvidas:

- 1) Caderno de educação para ampliar a crítica sobre o consumo de drogas: como trabalhar com jovens (Paixão, 2016).

Paixão (2016), em seu caderno, alerta para a importância de que os mediadores das oficinas, que passaremos a chamar de “pesquisadores externos”, conheçam o território e os grupos sociais dos jovens participantes, que passaremos a chamar de “pesquisadores internos”, de forma que possa haver por todos a apreensão do contexto social em que os fenômenos a serem discutidos se apresentam. Até por isso foram escolhidos como pesquisadores externos trabalhadores de saúde da região em que o grupo de jovens é morador, com anos de experiência, que pudessem contribuir de diferentes formas com a discussão.

O material educativo em análise foi entregue aos pesquisadores externos previamente ao início da realização das oficinas, para garantir que os mesmos tivessem claros os objetivos dos eixos, e para que pudessem mediar as estratégias pedagógicas propostas. Foi solicitado aos pesquisadores externos que estivessem lendo os textos apresentados em cada eixo, além de assistirem os documentários e filmes propostos como forma de enriquecer as oficinas e discussões posteriores.

Foram realizadas quatro oficinas, com duração de no máximo 2 horas, com o propósito de operacionalizar os dois primeiros eixos do Caderno: eixo I – a estrutura da sociedade e eixo II – ideologia e valores sociais na contemporaneidade. Optou-se por não realizar o eixo III – respostas juvenis frente às contradições sociais, por uma limitação de tempo encontrada em consequência das dificuldades em reunir os pesquisadores internos e externos antes do período de férias dos alunos; uma vez que as oficinas iniciaram-se antes do período de férias escolares.

O processo foi estruturado de forma que o delineamento de cada oficina posterior foi definido pelos pesquisadores externos a partir das necessidades teórico-práticas do tema discutido nas oficinas iniciais. Ao longo do processo foi feita a descrição das oficinas, e esse material foi utilizado para as discussões com os envolvidos no processo. O material descrito foi analisado através da análise de conteúdo de Bardin (2009) que toma como base metodológica de interpretação dos dados a corrente dialética, enfatizando o potencial qualitativo da análise de conteúdo.

5.4 ASPECTOS ÉTICOS

Este estudo respeitou os procedimentos éticos requeridos para o desenvolvimento de pesquisa envolvendo seres humanos, previstos na Resolução nº 466/2012 (CONEP, 2012).

O projeto foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da EEUSP previamente à sua execução.

6. Resultados e Análises

6. RESULTADOS E ANÁLISES

6.1 EIXO I

A seguir será apresentada a análise das dinâmicas sugeridas por Paixão (2016), utilizadas nas oficinas conforme os eixos temáticos propostos no caderno educativo (Paixão, 2016).

O primeiro encontro iniciou-se com a apresentação aos jovens dos eixos pedagógicos propostos no “Caderno de educação para ampliar a crítica sobre o consumo de drogas: como trabalhar com jovens” (Paixão, 2016), com ênfase no objetivo da participação deles nas oficinas, como avaliadores da proposta pedagógica do Caderno.

Foram realizadas duas oficinas do EIXO I – *A Estrutura da sociedade atual*. Este eixo tem como objetivo introduzir estratégias para o reconhecimento da organização social e de modos de vida das classes sociais que ocupam um determinado território.

A primeira estratégia pedagógica utilizada foi a construção de uma representação gráfica, nos moldes de um mapa, em que os jovens desenharam partes do bairro em que vivem. A solicitação foi que representassem as partes que conhecem e as partes que imaginam como devem ser, concretizando no papel a heterogeneidade social das famílias, dos grupos sociais, a partir da caracterização das condições de trabalho e de vida das famílias moradoras no bairro.

Os jovens foram divididos em três grupos, com três estudantes e cada grupo desenhou uma parte diferente. Dois grupos retrataram partes em que vivem as famílias com maior precarização nas condições de trabalho e de vida e o outro grupo retratou a área de menor, ou sem precarização do bairro. Essa estratégia, como descrito no caderno, trata-se de um meio de possibilitar aos jovens reconhecerem e discutirem o seu bairro. Para guiar a representação, foi entregue aos jovens um roteiro com alguns pontos a serem destacados nestes mapas.

Descrição do roteiro

1. Como são as vias de acesso? As ruas são asfaltadas? Há transporte público?
2. Há espaços abandonados (terrenos baldios, lixões, córregos)?
3. Como são as moradias? Elas contam com serviços de infraestrutura urbana (água, energia, esgoto, recolhimento do lixo)? Ou são casas irregulares?

5. Como se caracteriza o comércio na região? Há pontos de comércio ilegal (tráfico de drogas)?

[illegible]

Aracelle Santana Soares

Figura 2 – mapa desenhado pelo grupo 2 de jovens

Figura 3 –mapa desenhado pelo grupo 3 de jovens

A estratégia 2, proposta pelo Caderno, consiste na construção de outra representação gráfica em forma de mapa, com o objetivo de apresentar dois bairros que tenham diferentes condições de vida e que sejam conhecidos pelos participantes do grupo de jovens. Assim, os pesquisadores externos optaram por solicitar aos jovens que representassem, já na estratégia 1, partes diferentes do bairro em que vivem, uma vez entendido que se trata de um bairro extremamente heterogêneo. Dessa forma, para otimizar a estratégia 1 e adentrar a estratégia 2, foi solicitado aos jovens que comparassem as três áreas representadas no mapa, duas áreas com maior precarização de trabalho e de vida e outra área considerada nobre.

Na apresentação dos grupos foram destacadas as desigualdades entre regiões do mesmo bairro, reforçando as desigualdades na sociedade capitalista. Diferentes formas de trabalhar dão origem a diversas possibilidades de usufruir bens; portanto diferentes possibilidades de vida. Logo, a desigualdade de classes engendra as injustas desigualdades de condições de vida.

Os grupos desenharam mapas complementares que retrataram os obstáculos impostos às áreas em que vive a classe social mais precarizada – a dificuldade de acesso ao transporte público, casas irregulares, com acesso irregular ou clandestino a serviços de infraestrutura (os “gatos”); a expressiva falta de alternativas para o lazer nesta região; e, especialmente, a internalização de pressões externas, de um sistema de regras histórico-sociais, como a preocupação em auxiliar na subsistência familiar em contraposição aos planos próprios para o futuro.

A estratégia pedagógica utilizada permitiu aos pesquisadores internos, os jovens, refletirem sobre e expressarem as barreiras de acesso impostas pela desigualdade social, como mostram os trechos expressos por eles durante a discussão produzida por essa dinâmica proposta por Paixão (2016).

No que diz respeito à heterogeneidade mais aparente do bairro, as características das residências e de sua distribuição no espaço geográfico, os pesquisadores internos, moradores das regiões mais empobrecidas, verbalizaram:

As casas são amontoadas, mais juntinhas. Uma única casa tem até três andares e cada andar é de uma família (Pi1). É uma coisa muito próxima, tem casas de um quadradão e tanto e outras um triângulo (referindo à arquitetura irregular das áreas mais precárias) (Pi 3). Eu acho que tem mais nexos essas regiões (privilegiadas) nesses mapas por conta do shopping, é uma área mais privilegiada (Pi2 - referindo-se às partes mais pobres do bairro); tem muito gato (na área mais precarizada) (Pi1). É bem trágica a diferença, só passar a ponte que já muda, lá é cheio de verde, mais valorizado [Pi6- referindo-se à Ponte de Jaguaré, local que separa as duas partes do bairro retratadas]; lá é uma área mais organizada, bem cuidada, tem o que é necessário (transporte, lazer, educação), aqui a gente não tem a mesma coisa (Pi3);

lá é uma área mais privilegiada por questão de infraestrutura [de transporte e nas construções] (Pi2), lá é mais acessível ao transporte (Pi5). A partir do momento que você mora em uma comunidade (...) é uma questão de sobreviver, não de viver, aí está a diferença (Pi4)... se houver mais investimento, vai existir uma área mais privilegiada (Pi3).

Portanto, essa dinâmica mostrou-se adequada para discutir como se conformam as desigualdades sociais no contexto da dinâmica do capitalismo, especialmente quando os pesquisadores internos exemplificaram a dificuldade de acesso ao transporte público, o que poderia implicar para os moradores em uma menor mobilidade dentro da cidade, e a falta de planejamento nessas construções – partes importantes de uma estrutura urbana, que excluem lazer e até mesmo privacidade. Para um dos jovens, morar em uma região com as descrições ditas acima trata-se de uma questão de sobrevivência, sem traduzir em qualidade de vida.

Nota-se nas falas apresentadas que há inexistência de opções de lazer para os jovens da comunidade, seja pela ausência de espaços oportunos, seja pela insegurança dos espaços existentes. Um jovem chega a decretar que para se sentir “seguro” necessita estar dentro de espaços fechados, dentro “dos muros da escola”.

[...] nós deixamos Igreja como locais de lazer (Pi1). O foco é para comércio e um pouco para a agitação são os bares (Pi2). A partir do momento que você mora em uma comunidade onde as casas são próximas, você não tem espaço para lazer, é uma questão de sobreviver, não de viver, aí você vê a diferença (Pi7). O verdadeiro lugar de lazer é o parque Villa Lobos, mas por aqui tem a praça do Balão, mas não tem como você se divertir, só tem lugar para sentar lá (Pi3). Hoje quase ninguém mais brinca na rua, tem algumas crianças que brincam de tarde só, mas geralmente é dentro de casa (Pi4). Mas é aquele negócio, para você praticar um esporte e se sentir seguro você tem que fazer ele dentro da escola, porque fora você vai acabar sendo assaltado (Pi3). JB é um local de funk... mas é o pessoal de fora da comunidade que frequenta... é horrível isso, por exemplo se tem feriado em um dia, o baile já começa no dia anterior de tarde ainda (Pi6)... E lá rola de tudo... Sexo, droga, de tudo... eu acho que se a pessoa quer fazer ela pode, mas não deveria ser exposto assim (Pi5).

Verbalizaram ainda o pouco investimento do Estado nessas áreas mais empobrecidas, quando deveria ser o contrário. Conforme a lógica apresentada pelos pesquisadores internos, se houvesse “mais investimento” haveria menos desigualdade e essa diferença não seria tão “trágica”. Acreditam até que a área onde moram, na comunidade, é menos “cuidada”, referindo-se à ausência do olhar do Estado. Observaram que até mesmo quando o Estado está presente no bairro, por meio da ação policial, há diferenças de tratamento.

Até a abordagem policial é diferente, ali perto do Parque Continental eles abordam de um jeito, aqui na comunidade é mais agressivo (Pi5)... eu não achava que era tão estúpido assim, eu via as pessoas sendo abordadas e pensava que elas mereciam... mas quando você conversa com ele (o policial) de um jeito mais elaborado (educado) sobre o mundo, você vê o preconceito que existe dentro da corporação

Aracelle Santana Soares

militar (Pi6). Muitas vezes, em frente de casa, já presenciei. Uma vez um amigo foi abordado só porque o policial o achou “preto” e quis abordar ele sem motivo (Pi7).

Vale destacar que as estratégias se mostraram importantes também para que os jovens refletissem que o sucesso construído ideologicamente não depende apenas do esforço individual deles, ou de suas famílias. No processo da discussão, os jovens foram caminhando da ideia do fenômeno mais aparente, as características do bairro, para uma reflexão mais aprofundada das raízes, da determinação do fenômeno social dentro da dinâmica do capitalismo.

A gente percebe na formação para ir para uma faculdade, o quanto a gente precisa se esforçar mais e quando muitas vezes quem tem a oportunidade não se esforça (Pi3). Uma pessoa que nasce rica, que não tem dificuldade, não vai ter o mesmo parâmetro de vida que a gente. A trilha que a gente vai ter que caminhar é muito maior, não adianta eu me esforçar e não aparecer a chance de eu dar o meu melhor; é o privilégio do espaço, você não pode pensar que vai achar a mesma oportunidade de alguém que mora lá, você tem que ter um empenho muito maior do que alguém perto do Parque Continental (área mais nobre) (Pi5).

A estratégia permitiu observar as raízes, as características dos empregos e fontes de renda das famílias do bairro.

O foco [nesta parte do bairro] é para o comércio, os próprios moradores abrem esses pontos, eles acabam procurando pessoas que moram perto para economizar com condução (Pi1); é um tipo de trabalho que não vai te levar muito longe... [mas] aqui não tem muita coisa para oferecer, se você trabalha no shopping você já tem a ideia de continuar no shopping (Pi2). Mas também tem uma questão de necessidade, por isso as pessoas acabam trabalhando em algo no meio familiar (Pi4). Um jovem que é filho de um pai de comunidade tem que começar desde cedo a conciliar o tempo de estudar e trabalhar, sem contar que ele perde toda a vida pessoal e de lazer, tem que escolher entre ajudar a família ou se divertir (Pi4).

Nota-se também a visão dos jovens sobre aqueles que optam por trabalhar dentro do bairro, como um projeto de vida “que não irá te levar muito longe”, ou seja, algo degradante que traz uma sensação de acomodação, lógica diferente da propagada no contexto capitalista que reforça a necessidade de um constante esforço para que seja possível alcançar a ideia de sucesso econômico.

Também foi trazida pelos pesquisadores internos a inserção em trabalho ilegal, o tráfico de drogas, como fonte de renda de jovens do bairro.

E às vezes isso pode levar para o outro lado... o lado de uso de drogas. Eu vejo isso todo dia de manhã (Pi6). É dinheiro fácil porque quem trabalha na biqueira vai ganhar uns dois mil para vender pedra, e a gente tem que se esforçar para conseguir um salário mínimo (Pi5). Eu acho que ele poderia sim seguir este caminho [do tráfico de drogas], mas isso depende dele por um lado... porque quando você entra é um caminho difícil (...) meu irmão entrou nesse caminho, e foi difícil para minha

Aracelle Santana Soares

mãe ver ele sair de casa à noite para fazer coisas erradas. Ele conseguia bastante grana, ele saía para roubar de noite e voltava com várias coisas, mas minha mãe não aceitava. Minha mãe falava com ele e dizia que nesse mundo tudo é mais fácil, mas a morte já está ali... amigos dele já tentaram matar ele (Pi7).

Portanto, a estratégia permitiu que refletissem sobre a perspectiva que apresenta as drogas inseridas no cotidiano desses jovens, como forma de inserção no trabalho, como fonte de renda que possibilita o consumo e que, ao mesmo tempo, por ser um trabalho ilegal, também aproxima os jovens de perigos, como a morte precoce.

Os pesquisadores internos verbalizaram um fenômeno que cerca a vida deles no bairro e um deles expressou a necessidade da discussão do tema:

“Geralmente as pessoas relatam que se você tem contato com isso você vai acabar participando desse meio, mas não tem nada a ver. É muito legal discutir sobre isso porque existe muito preconceito (Pi4).

Vale ressaltar que nesta fala há uma concepção que predomina em nossa sociedade e que é propagandeada de forma distorcida, especialmente pelos meios midiáticos – forças formadoras de correntes de opinião, e reforçam a ideia de que o jovem morador de uma comunidade entra para o mundo das drogas em consequência de já estar inserido neste contexto, desconsiderando outros fatores como a falta de emprego formal para esses jovens. Aqui a fala desse pesquisador reforça a necessidade de mais espaços para esse e outros debates, como pressuposto pelo caderno empregado.

Por fim, pode-se afirmar que as estratégias utilizadas permitiram a reflexão e a apreensão da heterogeneidade social, ainda que mais localizada nas condições de vida dos moradores do bairro.

Sugestões para aprimoramento do roteiro

Para possibilitar a discussão das heterogeneidades sociais, a partir das condições de vida e de trabalho, sugere-se que seja solicitado aos pesquisadores internos que posicionem na representação gráfica realizada, diferentes tipos de trabalhadores, representando estabilidade/instabilidade diferentes no âmbito do trabalho, nos locais onde os pesquisadores internos acreditam que eles (trabalhadores) morariam no mapa desenhado. Poderiam ser apresentados exemplos de trabalhadores:

Aracelle Santana Soares

Trabalhadores	Cores correspondentes
Pedreiro (a)/Eletricista/Diarista	Azul
Dono de empresa/fábrica/indústria de grande porte	Verde
Trabalhador (a) da fábrica/Empregado (a) doméstico (a)	Laranja
Juiz (a)/Senador (a)	Roxo
Traficante de drogas/Chefe da biqueira	Rosa
Dono (a) de um comércio local (padaria, bar, salão)	Vermelho

Propõe-se questões relacionadas ao âmbito das condições de trabalho e das condições de vida dos trabalhadores e suas famílias.

Questões relacionadas às condições de trabalho:

1. Quantas horas por dia trabalham?
2. Qual a renda mensal?
3. Qual o tipo de vínculo empregatício?
4. Quais os benefícios advindos do trabalho (plano de saúde, vale transporte, etc.)?

Questões relacionadas às condições de vida:

1. Qual é o tipo de acabamento das residências no território descrito do bairro?
2. De que tamanho são as moradias? Elas contam com serviço de infraestrutura (água, energia, esgoto, recolhimento do lixo)?
3. Qual a localização das ruas pavimentadas?
4. Onde estão as áreas arborizadas (parques, praças)?
5. Onde estão os equipamentos sociais?
6. Quantas são as escolas? Onde se encontram os centros esportivos/ quadras/ centros culturais?
7. O que as pessoas fazem no tempo livre (quando não estão no trabalho ou nos estudos)?
8. Os locais de trabalho são próximos ou distantes dos locais de moradia? Como as pessoas se deslocam para o trabalho? O transporte público é de boa qualidade?

A discussão realizada a partir do desenho final deve possibilitar a expressão de formas concretas das desiguais condições do bairro em que vivem os pesquisadores internos, e se o território for homogêneo, é possível propor que representem espaços vizinhos, com desiguais

condições sociais, a partir do roteiro proposto como ponto de partida. Propõe-se, assim, associar as condições de vida com as características advindas dos diversos trabalhos/empregos, ou seja, as condições de reprodução social dos grupos sociais que vivem no bairro ou naquela região do município.

6.2 EIXO II

O eixo II, proposto no Caderno (Paixão, 2016, p. 17), intitulado: “Ideologia e Valores Sociais na Contemporaneidade”, tem como objetivo “identificar as instituições responsáveis pela produção ideológica da sociedade e reconhecer que a estrutura do modo de produzir em sociedade determina essa produção”.

Para concretizar o objetivo, o Caderno propõe três estratégias pedagógicas:

- a primeira estratégia solicita aos jovens que reúnam frases populares que consideram preconceituosas, que preservam mitos e naturalizam crenças, que estimulam a desigualdade e a naturalizam;
- a segunda estratégia solicita que seja discutido com os jovens o que os leva a frequentar a escola e qual é a expectativa que eles têm em relação a ela;
- a terceira estratégia solicita que seja discutido com os jovens o tema do sucesso, a partir de pessoas que eles consideram bem-sucedidas (Paixão, 2016, p. 26).

Ao final das oficinas realizadas para o EIXO I, os pesquisadores externos fizeram uma avaliação sobre o que havia sido discutido nas oficinas anteriores, para subsidiar o planejamento das demais atividades. Após a leitura e entendimento das estratégias propostas para o EIXO II, os pesquisadores externos decidiram começar a próxima oficina a partir da estratégia 3, por considerarem o tema sucesso controverso e a terminologia bastante utilizada por jovens, o que possibilitaria o link com os demais questionamentos (escola e preconceitos sociais).

Assim, com o objetivo de produzir discussão a respeito das formulações ideológicas a respeito de sucesso e de como elas perpassam as classes sociais, um dos mediadores perguntou: o que é sucesso para vocês? E em seguida: como se atinge o sucesso? Questões propostas no Caderno (Paixão, 2016).

A discussão teve início com a associação entre sucesso e conquista de objetivos no âmbito profissional, destacando que para eles será às custas de esforço pessoal que os objetivos poderão ser atingidos, e por conta disso, será necessário um esforço maior do que

para aqueles que as famílias conseguem custear cursos em escolas particulares. Estes estão à frente deles para alcançarem os objetivos estabelecidos.

Sucesso para mim é quando você atinge seus objetivos, meu sonho profissional... e isso exige esforço (Pi1). Sucesso é conquistar seus objetivos e se esforçar para isso acontecer... Primeiramente se esforçar seria mais [voltado para] os estudos (Pi4). Acho que você deve se empenhar, trabalhar, sempre tentar (...) (Pi3). Vou falar meu sonho. É ser jogador e para você conhecer alguém para te levar aos jogos é muito dinheiro envolvido... e então a pessoa com mais dinheiro conseguiria mais fácil. Aqui (no bairro), não tem escolinha de futebol, tem próximo mas é pago (...) (Pi2). Depende muito do esforço, mas também depende do financeiro (Pi3). Sim, dinheiro é o que move o mundo (Pi2). Um pai que tem condição financeira não deixaria seu filho estudar em uma escola pública, ele vai fazer um cursinho caro que vai falar tudo que ele precisa ouvir, pra a gente não vai ser assim (...).

Pode-se inferir que a discussão neste segundo encontro já começou a partir de um patamar que tomou em conta a apreensão da heterogeneidade das classes sociais, que foi o tema do encontro anterior. Os pesquisadores internos analisaram que os jovens não partem de um mesmo ponto inicial, há uma desigualdade que os coloca em desvantagem para projetar e para alcançar o que reconhecem como sucesso.

Conforme a discussão avançou, os pesquisadores internos foram se apropriando da reflexão sobre planos futuros associados ao que compreendiam como sucesso na vida deles, em detrimento de uma construção idealizada e inatingível, e ressaltando a importância do modo de reprodução social ao traçar esses planos.

(...) sucesso está baseado em conceitos individuais de realizar um ou mais desejos, então, não há resposta concreta para descrever o sucesso, o sucesso está relativamente ligado de como cada um usufrui de seu conceito. Às vezes o que é sucesso para mim não é para você. Talvez uma carreira que pague muito e seja muito bem vista socialmente talvez não seja o que eu quero (Pi5). O certo seria você chegar num ponto em que você se sinta bem, com bem-estar (Pi4). Não está necessariamente ligado ao se sentir realizado, para mim é você conseguir chegar ao seu desejo... mas se você não conseguiu, pode pensar eu me esforcei na vida, tem muitas coisas relativas (Pi6). É relativo, para mim seria me realizar na carreira que eu escolhi, para mim isso é bem-estar, não ter que entrar numa carreira para satisfazer meus pais ou a sociedade para achar que eu sou o que eles queriam (Pi2). Mas e o peso do dia a dia? Trabalhando em uma área que você não gosta, não ia ser a mesma coisa, o sucesso ia ficar muito mais longe. Você não gosta, faz por fazer, não faz sentido (Pi8). Igual eu, minha família não me apoia no meu sonho de ser jogador, isso é meu bem-estar, eu quero fazer isso... não preciso estar no melhor time, ser o melhor para me satisfazer, só de estar fazendo o que eu gosto já vale (Pi2). Eu queria o sucesso econômico (...) pra poder dar para minha família o que eles não tiveram antes, principalmente por conta da minha irmã, que tem necessidades especiais, para que ela não precise se esforçar tanto em um lugar tão desigual para ela conseguir o que precisa, isso me traria um bem-estar (Pi 7). Seria dar para a família com mais facilidade o que é deles por direito, sem eles terem que lutar tanto. Minha mãe teve que trabalhar muito cedo, desde criança já trabalhava, não teve muita instrução, teve filhos cedo, se divorciou. Vou ser um espelho da minha mãe no que ela conseguiu fazer... (Pi 3).

No entanto, quando se solicitou aos pesquisadores internos que citassem pessoas que eles consideravam bem-sucedidas, eles se lembraram de nomes famosos na mídia ou na história, principalmente aqueles conhecidos por terem feito um percurso que foi da pobreza à conquista de riqueza.

Lembraram-se de pessoas enaltecidas pela grande imprensa pelas suas histórias de superação de dificuldades, de persistência na realização de sonhos e do sucesso alcançado como resultado do esforço, por terem nascido com talento, todos atributos individuais, combinados com sorte de terem reconhecido/aproveitado oportunidades, ideologia bastante repetida e enaltecida nos diversos espaços sociais que os jovens têm acesso. A sequência de excertos abaixo ilustra a afirmação.

(...) o Albert Einstein, porque a infância dele foi meio conturbada, ele foi abandonado pelos pais e todo mundo falava que ele era burro, ele não se esforçava na escola (...) ninguém acreditava no talento dele. Então ele foi morar no orfanato, foi expulso de escolas nesse tempo e nenhuma escola queria ele. Já maior ele começou a ter um relacionamento com os pais novamente e começou a investir nos estudos, passou em diversas universidades e ele fez o que fez, com as descobertas ajudou em muita coisa (Pi3).

(...) o Sílvio Santos, porque eu soube que ele vendia produtos no farol, vendia canetas, e hoje ele é dono de um canal na TV (Pi7).

(...) a Beyoncé porque pela história dela desde criança de cantar, ela falou isso para o pai dela, ele sempre apoiou ela, tanto que ela tinha uma banda antigamente e ela treinava na esteira para cantar e dançar ao mesmo tempo, e hoje ela tá famosa. Ela se esforçou e conseguiu chegar aonde ela queria (Pi1).

(...) o Ronaldo, ele veio de uma comunidade pobre, teve oportunidade [quando] jovem e ele aproveitou e está até hoje fazendo sucesso, mesmo aposentado está sendo reconhecido (Pi5).

(...) para mim é o Ronaldinho, ele é genial, ele veio de uma comunidade pobre também, começou jovem a aparecer em jornais locais de futebol, ele foi crescendo e se destacou bastante. Foi jogar na base do Grêmio e teve que sair de São Paulo, conseguiu bastante reconhecimento foi para a Seleção Brasileira, jogou em um dos maiores clubes e teve bastante sucesso, e até aposentado continua (Pi2).

(...) o Michael Jackson porque ele começou bem cedo nessa vida, e mesmo com os irmãos ele se destacava, ele até ficou conhecido como Rei do Pop, tudo pelo seu talento que permitiu que ele fosse reconhecido pela sociedade (Pi4).

Já quando questionados sobre a importância da mídia enquanto influenciadora dessas opiniões, os jovens trouxeram nos depoimentos abaixo figuras que acreditaram sinalizar como bem-sucedidos não só pelo sucesso midiático, mas por não ficar com o que se conquistou só para si, assim citam um cantor de banda irlandesa de rock bastante conhecido por suas ações de filantropia e o ator Charles Chaplin, pelo que deixou para a humanidade.

Aracelle Santana Soares

(...) Eu tenho o exemplo o Bono do U2, eu não sei da infância dele, mas ele ajuda várias entidades tanto carentes como de pesquisa e isso não estava na mídia até 2011 (Pi8).

(...) Charles Chaplin, porque não tanto pela questão do reconhecimento que ele teve, o sucesso não implica somente nisso, mas a imagem que ele trouxe, a inteligência que ele tinha. Aquela questão de ele ser tão volúvel na sociedade, para mim ele teve sucesso pelo que ele marcou, pelo legado que ele deixou (Pi2).

Os jovens relacionaram sucesso a carreiras profissionais, atrelando o alcance do sucesso ao alcance de uma estabilidade financeira. Atribuíram o esforço individual à conquista desse sucesso, como anteriormente, acrescentando o atributo da sorte, muito presente nas falas como “oportunidade”.

Se a pessoa não consegue, pode ser falta de oportunidade (Pi2). Oportunidade é o que faz as coisas acontecerem, sem oportunidade vai demorar muito tempo, agora com ela você abre portas, tudo é mais fácil (P3).

O trabalho, entretanto, aparece aqui como parte de um sonho, relacionado à conquista de uma realidade financeira que permita qualidade de vida. Os jovens reconhecem a importância da escola como ponte para conquistar seus objetivos profissionais, mas atribuem à escola privada o lugar facilitador, a instância de preparo para atingirem os objetivos relacionados ao sucesso. Os jovens deste grupo expressaram nas falas a função fundamental do dinheiro, que encurta os caminhos a serem percorridos para alcançar os objetivos profissionais. Eles valorizaram o sistema educacional privado como o fundamental para o melhor preparo para a inserção no mercado de trabalho. Pode-se afirmar que entre eles há descrença na educação pública.

As pessoas próximas que consideram bem-sucedidas são aquelas que conseguiram destacar-se no grupo familiar, conquistando trabalho e condições de vida diversas das comuns a grupos sociais a que pertencem suas famílias, como nos excertos de Pi7 e de Pi4.

Meu tio, porque na escola ele não fazia nada, era expulso, apareceu no jornal, já falaram que ele não ia ser nada e hoje ele trabalha com contabilidade e está muito bem (...). Ele teve uma oportunidade, em uma entrevista ele conseguiu falar com o dono da empresa e ele acabou gostando dele e o contratou. Ele começou a gostar da área e depois ele foi correr atrás de cursos, e hoje ele está bem (Pi7). Minha mãe, porque quando ela era da minha idade ela não tinha muitas condições para estudar porque minha família inteira é da Bahia e nesse tempo meu avô, que já faleceu, não acreditava que ir para a escola ia ter uma oportunidade, então ele mandava ela ir trabalhar e então ela não teve muitos estudos, só até a 4ª série. Então meu objetivo é dar para minha mãe o que ela não teve, ensinar o que ela não aprendeu (Pi4). Minha mãe (também) é uma referência, porque desde pequena ela batalhou pelo que quis, ela queria dar o máximo de conforto para os pais e ela conseguiu (Pi5). Meu pai eu vejo como referência porque ele é uma pessoa esforçada, ele me ajuda nas coisas de casa, ele tenta se inserir nos problemas de casa, tenta o máximo ficar com a família (Pi3). Eu não acho que meu pai é uma referência pelo fato de não estar

Aracelle Santana Soares

presente, ele se importa (financeiramente), mas na ação a gente não percebe nada (Pi4).

A busca pelo sucesso econômico para prover estabilidade financeira à família mostrou-se bem presente nas falas dos jovens, sendo apontado como estímulo para um jovem adentrar no tráfico.

Eu acho que o que pode acontecer com uma pessoa de boas condições pode acontecer com uma pessoa que não tenha... por exemplo, se você tem uma mãe na cama, morrendo, o governo tá pouco se importando, você acha que um jovem não deve pensar em ir pelo caminho mais rápido?(A1). Nem todo mundo vai parar para o lado mais racional, para tentar sair dessa situação, então ela vai para a primeira oportunidade para ver aquilo mudar (A3). Sim, porque geralmente o jovem que vai para a biqueira não quer saber de estudos... então não vê meios para conseguir o que quer e acaba indo para o que está mais próximo dele (o tráfico) (A5).

Para prosseguir a discussão, os pesquisadores externos avançaram para outra estratégia pedagógica. Ao final da discussão do eixo 1, o grupo de pesquisadores externos reuniu-se para avaliar o que foi dito pelos alunos, a estratégia utilizada e planejar as discussões do próximo eixo em questão (o eixo III). Decidiu-se não fazer uso da estratégia 1 como apresentada, e sim, de uma forma modificada, fazendo uso de “*memes*”³ para apresentar uma imagem que remeta a um possível preconceito social. O objetivo dessa estratégia seria desconstruir preconceitos que conformam ideologias de estímulo à naturalização das desigualdades. A opção pela estratégia de se introduzir *memes* foi escolhida por ser uma linguagem visual mais atrativa e compatível com a faixa etária dos pesquisadores internos.

Foram apresentados aos jovens dois *memes* escolhidos pelos pesquisadores externos, dentre eles destaca-se um que traz a figura de um jovem negro, vestido com bermuda e blusa, óculos escuros reluzentes, em uma pose “descolada” (alegre) com a frase: “quando você é preto e nunca foi preso”.

³ Segundo o site Infopedia, “meme” trata-se, na internet, de um texto, vídeo ou ideia de carácter humorístico que é copiado e se espalha rapidamente, geralmente com ligeiras alterações em relação à versão original.

Meme 1 – Baiano pagando promessa

Mem 2 – Quando você é preto e nunca foi preso

“Pesado esse meme” (Pi1) (todos concordam).

Os jovens concordaram tratar-se de uma opinião bem comum na contemporaneidade – todo jovem negro, especialmente vestido de forma simples, é associado ao mercado ilegal (como tráfico ou assaltos, por exemplo). Com o avançar dessa discussão os jovens trouxeram elementos que associam à esta opinião, e foi verbalizada a crítica da naturalização da ideia de droga como sinônimo de ilícito:

O problema é o preconceito da droga, até porque droga você encontra dentro do supermercado, não precisa ser necessariamente algo ilícito... (Pi5) Tem gente que é influenciado, tem pessoas que entram nesse mundo pelas pessoas em sua volta. Meus amigos estão, então eu, para não ficar sozinho também vou entrar (Pi6). A maioria das pessoas não quer ver o filho no mundo das drogas, apesar do dinheiro que isso traz, por conceitos sociais. Eu não posso falar para os outros que meu filho vende droga e que a gente tem o conforto por esse dinheiro (Pi6).

Os pesquisadores internos expressaram o sentimento de medo, dominante entre os familiares, de que os jovens, por estarem inseridos naquele contexto, acabem entrando no mundo das drogas, especialmente no tráfico.

Minha família não me apoia em persistir no sonho de ser jogador de futebol, porque eles pensam que não vai dar certo. É eu correr atrás de uma coisa ao máximo, me dedicar, mas no final não conseguir nada e não conseguir fazer outra coisa (...). Desculpe o termo, mas eles acham que eu vou virar um “nóia”... vender objetos de casa para as drogas, essas coisas, ser sustentado por eles até o final da vida (...) esse é o medo deles (Pi2). Para minha mãe basta ela não me ver no mundo das drogas [que já é um sucesso]... (Pi7).

Os jovens também expressaram um mal-estar com a pressão exercida pela família para seguir uma determinada profissão em prol de alcançarem uma “estabilidade financeira”, independente do desejo individual dos jovens. Provenientes de classes exploradas, é compreensível que haja entre os pais o desejo de uma garantia futura aos seus filhos para que estes não necessitem sofrer as mesmas dificuldades que lhe foram impostas por sua posição social, entretanto essa pressão acaba sendo internalizada por esses jovens como algo que sobrepõe o seu desejo, “independente de sua felicidade”, e que tende a influenciar as decisões sobre o futuro.

A minha família acha que ter sucesso é ter estabilidade, eu nunca falei para ela que quero ser ator, mas se eu falar ela vai questionar porque para ela não é profissão que vai aguentar para eu ter uma estabilidade legal, até o ponto que eu conseguir ter independência pode demorar (Pi2). É pela estabilidade financeira que os pais não pensam assim (pela felicidade), eles pensam assim “Se meu filho está na faculdade porque ele está cursando uma área que ele gosta”, não; seu filho está na faculdade porque é isso que a sociedade acha certo, ele tem que fazer uma faculdade que ainda dê dinheiro, por que é isso que a sociedade quer (Pi5). Meus pais ficam enchendo meu saco para eu fazer engenharia. Eu não me imagino fazendo isso (Pi6). Meu pai queria ser biólogo, agora ele quer que eu seja biólogo (Pi4). Acho que a maioria dos pais querem que os filhos façam o que ele não fez, independente do gosto, se ele não fez eu tenho que fazer (Pi7). Meu tio gostaria de me ver fazendo faculdade, ele sempre sonhou em fazer, mas não tinha condições (Pi7). Para a família basta ter dinheiro e estabilidade, independente da sua felicidade (Pi1).

Foi possível observar que as discussões permitiram de alguma forma a reflexão a respeito da ideologia dominante refletindo nos valores sociais. No que diz respeito à família, refletiram sobre as características de familiares que reconhecem como referências e o papel da família na escolha de projetos para o futuro. Quanto ao papel da escola, a estratégia permitiu debater com os jovens a idealização de que a escolarização, especialmente em instituições privadas de ensino, e a sorte, as oportunidades, são as instâncias que garantem o alcance dos

objetivos, fundamental para alcançar o sucesso. No que diz respeito ao trabalho, discutiram as conquistas profissionais como garantia de realização na vida (bem-estar, conforto).

Limitação da oficina

Houve limitação importante do tempo destinado à realização das estratégias. As oficinas foram realizadas em espaço cedido dentro da escola, no contraturno escolar; assim, dispunha-se de um intervalo limitado, já que os jovens precisavam seguir com suas atividades extracurriculares. Esse período de duas horas foi avaliado pelos pesquisadores como uma limitação para este eixo, visto que em um momento importante da discussão e, antes que as estratégias planejadas fossem desenvolvidas na totalidade, foi necessário encerrar a oficina.

Outra limitação encontrada foi a dificuldade de assegurar que todos os pesquisadores externos tivessem contato com o material de apoio indicado pelo Caderno, os textos e documentários/filmes. Acredita-se que o prévio contato com todos os materiais indicados pudessem ter direcionado a discussão de forma mais ampla. Uma das justificativas apresentadas foi o grande volume de sugestões para o preparo prévio à oficina. Uma sugestão seria estabelecer prioridades nas indicações e ofertar também artigos envolvidos no temas para facilitar a compreensão dos eixos.

Sugestão para aprimoramento da oficina

Sugere-se que seja substituída a palavra “sucesso” em estratégia do eixo II do Caderno (Paixão, 2016). É possível que o termo tenha remetido a discussão para o âmbito do sucesso como conquista de estabilidade financeira, com enfoque na responsabilização do jovem como principal encarregado por conseguir atingi-lo.

O verbete sucesso significa, segundo resultado obtido a partir do dicionário Aurélio (2018), “êxito, bom resultado”; já o dicionário Michaelis (2018) traz como “resultado de um negócio, pessoa ou coisa que alcança grande popularidade”.

Com essa compreensão, avalia-se que os termos sucesso e sujeitos bem-sucedidos devem ser substituídos ao se reproduzir a estratégia, tendo como objetivo discutir visões amplas sobre ideologias/valores sociais.

Uma possibilidade seria perguntar aos jovens como eles imaginam que será a vida deles 10 anos após o ano em que estão, incentivando na discussão os elementos necessários para concretizar a realidade em que se imaginam no futuro, colocando às claras o determinante das trajetórias dos diversos grupos sociais, permitindo assim mitigar o peso da responsabilização individual pelo alcance do conforto material da vida e da culpabilização quando os planos idealizados não se concretizam, associando a não concretização com fracasso individual ou da família.

7. DISCUSSÃO

7 DISCUSSÃO

O capitalismo fortalece a reprodução do metabolismo social em escala global, numa lógica que degrada cada vez mais o meio ambiente, aprofunda a concentração de renda e precariza as condições de vida e de trabalho das classes “desprivilegiadas” (Mészáros, 2002; Viana, 2009).

A partir da realização das oficinas foi possível discutir com os jovens questões referentes aos aspectos de vida determinados por essa desigualdade social, como a infraestrutura local, acesso ao transporte público, lazer; e, especialmente, obter evidências importantes para fortalecer discussões referentes à ideologia do sucesso na contemporaneidade, tão propagada nos meios de socialização dos jovens.

Barbosa e Silveira (2012), quando abordaram a organização social do trabalho, ressaltaram a construção ideológica propagada sob o discurso de *modernização e racionalização* do Estado, que se tornou “consenso mundial” na era neoliberal. Discorreram sobre as contradições do capitalismo no atual regime de acumulação, que por um lado firma-se na construção da ideia de “igualdade de direitos, liberdade e harmonia na relação da classe que vive do trabalho com a classe que detém os meios de produção”, e por outro, isso só é possível por haver um sistema estrutural desigual e conflitante que tem sua origem na dominação do capital e exploração do trabalhador para se obter a mais-valia, onde se localiza o lucro.

Neste contexto, a especialização do homem na vida e no trabalho torna-se fundamental para a competição em um mercado cada vez mais acirrado, tornando a individualidade um elemento constitutivo. O individualismo parte do pressuposto que para cada homem alcançar o que é – construído ideologicamente como seu único – direito: a propriedade, deverá lutar e investir em si, ou seja, apresentar o máximo esforço individual. Nesse modelo, o indivíduo é automaticamente – segundo essa ideologia – responsável pelo seu sucesso ou por seu fracasso social, o que traduz que “a igualdade se encontra, portanto, nas oportunidades, desde que suas habilidades pessoais sejam exploradas.” Na ótica do neoliberalismo, a justiça social tem por fundamento o “mérito”, ou seja, é dado “a cada um conforme seu mérito”. Esse modelo neoliberal desconsidera o homem como ser histórico-social, proveniente de uma sociedade com uma distribuição desigual de benefícios e custos dentro da mesma comunidade, o que os coloca em patamares diversos de competição.

Na nova gestão moderna, empresa é o nome que devemos atribuir ao sujeito, governador de si, na era neoliberal. Ela transforma o homem naquilo que pode ser considerado uma violência social típica do capitalismo, ou seja, uma simples mercadoria, ao mesmo tempo em que o modela para suportar e até acentuar essa transformação.

Com isso, dentro dessa valorização da ideologia dos modelos de empresas, nessa era propaga-se a ideia de que a realização pessoal, a conquista dos bens materiais, o sucesso comercial e financeiro estão não só entrelaçados, mas destinados a serem encontrados por este caminho empresarial, a partir de um esforço individual.

O sucesso é exaltado dentro da ética da empresa, que transforma o trabalho em instrumento “privilegiado” da realização plena do indivíduo: bem-sucedidos profissionalmente tornamos nossa vida um “sucesso”, assim, os bem-sucedidos profissionalmente são os bem-sucedidos na vida. Nessa neogestão é promovida uma “reação em cadeia” de sujeitos empreendedores, que irão reproduzir em suas relações sociais a ideia de competição, seguindo uma lógica de autorrealização para o alcance do tão desejado sucesso (Dardot e Laval, 2016).

Do sujeito ao Estado, passando pela empresa, um mesmo discurso permite articular uma definição do homem pela maneira como ele quer ser ‘bem-sucedido’... para cumprir seus ‘objetivos’. Em outras palavras, a racionalidade neoliberal produz o sujeito de que necessita ordenando os meios de governá-lo para que ele se conduza realmente como uma entidade em competição e que, por isso, deve maximizar seus resultados, expondo-se a riscos e assumindo inteira responsabilidade por eventuais fracassos (Dardot e Laval, 2016, p. 328).

Tais concepções são construídas desde a crise do liberalismo no fim do século XIX. A crise do liberalismo é, segundo o termo de Michel Foucault (apud Dardot e Laval, 2016 p. 38), uma “crise de governamentalidade liberal”, representa o problema da intervenção política no campo econômico e social e a justificação dessa doutrina. Ressaltam as dúvidas da época sobre a necessidade da intervenção governamental para fazer frente às mudanças organizacionais do capitalismo, aos conflitos de classes e às novas relações sociais. O liberalismo clássico ao não incorporar adequadamente o fenômeno da empresa, as novas necessidades de produção, a “mão visível” dos empresários e dos políticos ligados a eles, passa a ser questionado e novas formas de governo capazes de incorporar essa *agenda* são postas em execução.

Se é verdade que a crise do liberalismo teve como sintoma um reformismo social cada vez mais pronunciado a partir do fim do século XIX, o neoliberalismo é uma *resposta* a esse sintoma, ou ainda, uma tentativa de entrar em sintonia com a orientação às

políticas redistributivas, assistenciais, planificadoras, reguladoras e protecionistas que se desenvolveram desde o fim do século XIX, uma orientação vista como uma degradação que conduzia diretamente ao coletivismo (Dardot e Laval, 2016, p. 71).

Os anos 1980 foram marcados por nomes como de Ronald Reagan e Margaret Thatcher, que simbolizaram o rompimento com o Estado de Bem-Estar Social e a implementação dessa política neoliberal, um projeto político criado em resposta à crise do regime “fordista” de acumulação de capital. Assim, assume-se a opinião de que o Estado necessita intervir para fazer as engrenagens da economia funcionarem melhor, sustentando que o capitalismo comercial é uma máquina que exige vigilância e regulação constante. A “grande virada” deste projeto político veio acompanhada por uma lógica ideológica, que propunha não só a conversão do espírito do homem, mas um conjunto de estratégias disciplinadoras, segundo princípios que buscavam a máxima competição e uma valorização do capital (Dardot e Laval, 2016).

A *agenda* do neoliberalismo exige uma adaptação contínua dos homens e das instituições, tendo em vista uma concorrência geral e infinita. Essa é a justificativa de uma política “que deve visar à vida individual e social como um todo”, que consiste em “dar à humanidade um novo tipo de vida” (Dardot e Laval, 2016, p. 90). A originalidade do neoliberalismo está no contrato estabelecido entre as instituições e a ação individual, um projeto político que torna o homem um agente empreendedor em totalidade, um sujeito econômico em todas as suas ações. A palavra-chave aqui ainda é *mercado* como no liberalismo clássico, mas o conceito agora designa um constante processo de descoberta e aprendizado que modifica os homens e os ajusta através de diversas motivações psicológicas e competências específicas, ou seja, um processo autodisciplinador em que o homem busca como destino melhorar a sua *sorte* (Dardot e Laval, 2016).

Dentro dessa perspectiva, o que torna o sujeito empreendedor o melhor é sua capacidade de empreender em diversos aspectos da vida, produzindo sucesso econômico e consequente bem-estar e felicidade constantemente. O verdadeiro chefe deve ser dotado de atitudes como criatividade, persistência e capacidade de arriscar, fatores que garantem mérito, e assim, lucro. O desempenho máximo é o alvo, de modo que o sujeito deve mirar um “além”, um “mais”, tornando sua vida em todos os aspectos um objeto do dispositivo de desempenho. Não basta mais o sujeito vinculado ao circuito produção/poupança/consumo; busca-se o sujeito que produza “sempre mais” e conecte-se diretamente com um “mais-gozar” que se torna sistêmico (Dardot e Laval, 2016, p. 323).

Bauman (apud Bittencourt, p. 93) complementa essa visão ao criticar essa busca pelo sucesso profissional a todo instante, associando-a a um esgotamento individual, processo base da organização civilizatória atual que angustia o homem que escapa ao idealizado.

Para Dardot e Laval (2016, p. 322, grifo do autor), “o homem neoliberal é o homem *competitivo*, inteiramente imerso na competição mundial”, que deve demonstrar responsabilidade individual ilimitada para a constituição do projeto de vida individual, da capacidade de produzir bem-estar e ser feliz. Há estratégias ideológicas que são implantadas nesse novo homem ideal, o que garante uma responsabilização da educação da mente, de controle do corpo, organização do trabalho e até do lazer, com o objetivo de fornecer os “recursos humanos” necessários para se manter um circuito de produção e consumo (p. 324).

Mészáros, em seu livro *O Poder da Ideologia* (2004), analisa as circunstâncias sócio-históricas que possibilitaram o surgimento e o predomínio dessa ideologia capitalista como visão de mundo, uma forma de consciência social inseparável do conceito de sociedade de classes, sendo a própria natureza da ideologia a necessidade da formação de uma consciência prática invertida do conflito social.

Nas sociedades capitalistas o discurso ideológico domina a tal ponto a determinação de todos os valores que muito frequentemente não temos a mais leve suspeita de que fomos levados a aceitar, sem questionamento, um determinado conjunto de valores ao qual se poderia opor uma posição alternativa bem fundamentada, juntamente com seus comprometimentos mais ou menos implícitos” (Mészáros, 2004, p. 58).

São diversas as estratégias utilizadas pelo neoliberalismo para manifestar essa dimensão sob múltiplas formas, dentre elas através da educação, dos meios de comunicação oligopolistas, das organizações nacionais e internacionais. A. Borom et al. (1999) afirmam que há por um lado crenças e mentalidades dominadas pelo pensamento neoliberal, enquanto por outro lado, há teorias e ideologias que avalizam as primeiras. O neoliberalismo garante sua vitória ao influenciar amplos setores da sociedade no terreno da cultura e da ideologia, inclusive através da divulgação de termos como sucesso.

Como ressalta Viana (2015, p. 25), “as representações cotidianas ilusórias reforçam o imobilismo, os valores dominantes e assim por diante, também servindo para reprodução do capitalismo. Elas nascem, em primeiro lugar, das próprias relações sociais existentes”. Deste modo, para um indivíduo que nasce numa sociedade caracterizada pela desigualdade em que aqueles ao seu redor necessitam competir arduamente para adquirir aquilo que lhes deveria ser de direito, torna-se natural pensar que isso é universal, que somos destinados a batalhar

arduamente para alcançar sonhos e/ou projetos, e que depende apenas desse esforço individual para tanto, como foi demonstrado pelas falas iniciais dos jovens.

As classes exploradas internalizam com frequência essa representação ilusória e atribuem ao mérito o alcance do sucesso. Como ressalta Vianna (2008, p. 83), “os indivíduos nascem envolvidos em torno de representações cotidianas e pensam a partir deste universo que lhes envolve”, assim, “através deste processo, parte da população passa a produzir e/ou reproduzir o pensamento complexo”. É possível notar nos discursos dos jovens a ligação entre o sucesso como o alcance de um sonho profissional e um comprometimento individual. Não há alternativas para os jovens na sociedade em que vivem a não ser a competição no mercado, traduzida como desigual nas falas.

Conforme ressaltam Pereira e Sudbrack (2008), a possibilidade de assegurar a subsistência diária interfere na projeção do futuro destes jovens, tornando até impossível a construção de uma identidade e, sobretudo, a definição pessoal sobre o futuro. Desta maneira, entre as classes exploradas torna-se comum a inserção antecipada no mercado de trabalho como forma de auxiliar no sustento familiar, inúmeras vezes privando estes jovens de buscarem seus reais planos de vida e de trabalho. Afinal, conforme ressalta Mészáros: “as funções controladoras da reprodução metabólica social tiveram de ser postas em oposição à esmagadora maioria da humanidade, à qual se destinou a execução de tarefas subalternas num determinado sistema político e socioeconômico” (2008, p. 68).

Podemos relacionar o que foi dito nas oficinas com a correlação entre racionalidade econômica e a sua dependência com a disposição dos sujeitos em adotar certos tipos de conduta, abdicando de qualquer satisfação pessoal a não ser “de dever cumprido” (2008, p. 166). O sujeito neoliberal, ou o “sujeito empresarial”, é o sujeito envolvido totalmente na produção em todos os domínios de sua vida, tanto na produção de capital, como de bem-estar, prazer e felicidade, parte de “uma engrenagem dos grandes mecanismos” de um sistema político-econômico (Dardot e Laval, 2016).

O jovem é convocado a gerir seu tempo e suas condições para competir, ilimitadamente, sem se dar conta de que a necessidade de se aprimorar cada vez mais tem diversas causas, dentre elas o mercado de trabalho cada vez mais disputado e com menos vagas. Entretanto, foi possível notar, conforme as discussões foram avançando, as mudanças nos tons dos discursos dos jovens, que passaram a enxergar o sucesso como algo subjetivo, sendo relacionado à oportunidade única ou ao capital, em patamares diferentes conforme a posição na hierarquia social que ocupamos, e não somente a uma responsabilidade individual.

Pode-se arriscar até mesmo a dizer que em algumas falas percebe-se a identificação da supervalorização dada ao alcance do sucesso econômico.

O trabalho, dentro desta dinâmica capitalista, destina-se à aquisição de mercadorias e propriedades, que se transmuta, como lembra Safatle, em afeto: “propriedade é, no fundo, um afeto, um afeto de segurança e amparo” (2016, p. 163); é aquilo que garante aos indivíduos a sensação de pertencimento na sociedade atual.

O capital e os meios oligopolistas de comunicação buscam ampliar o consumo juvenil e para isso produzem novos produtos e reproduzem produtos antigos. Inclusive se busca dividir a juventude em nichos de mercado para venda de produtos, gerando um mercado consumidor “infanto-juvenil”, vegetariano, homossexual, etc. A criação de identidades e movimentos sociais identitários reforça esse processo de constituição social de nichos de mercado, que atinge de forma mais poderosa a juventude (Viana, 2012, p. 63).

Os jovens trazem em seu discurso a necessidade pela propriedade privada, permeando planos e projetos para o futuro. Como ressalta Santos (2013) em seu trabalho sobre as valorações da juventude, a alienação no capital significa a “coisificação do homem e a humanização da mercadoria”, a impossibilidade se perceber em um contexto sem o *ter*, o que se configura comprometedor para a emancipação humana destes jovens. Oriundos de classes exploradas, esses jovens se deparam cedo com a exigência de contribuir com a renda familiar e ter o sustento próprio.

Pode-se notar aqui alguns valores dentro da perspectiva destes jovens, ao apontarem que alguns sujeitos aceitam estar inseridos em um mercado ilícito (com todos os riscos envolvidos nessa escolha) pela possibilidade de obterem mais dinheiro, atuando assim “embebedos nos valores da sociedade de mercadorias, como algo lógico e natural” (Mészáros, 2008). Nota-se também um ressentimento com o mercado de trabalho, quando é relatado que no mercado formal um enorme esforço pessoal desses jovens pode significar a conquista de um salário mínimo, em contraposição aos jovens que estão inseridos no tráfico e conquistam facilmente (e de forma mais rápida) uma quantia muito maior.

Segundo Boiteux (2015), o tráfico de drogas recruta jovens da periferia que, na maioria das vezes, não estão inseridos no mercado de trabalho formal e oferece rendimentos que aumentam consideravelmente o poder de consumo. De acordo com Paixão (2016), a divisão social em classes determina as formas características desses grupos sociais se reproduzirem socialmente, ficando assim estabelecidas diferentes formas e possibilidades de acesso aos bens materiais e imateriais, construídos socialmente.

Há ainda nos discursos uma concepção que predomina em nossa sociedade, que é propagandeada de forma distorcida, especialmente pelos meios midiáticos – forças formadoras de correntes de opinião, que reforça a ideia de que o jovem morador de uma comunidade (áreas periféricas precarizadas, como são as favelas) entra para o mundo das drogas simplesmente por já estarem inseridos neste contexto, desconsiderando outros fatores como a falta de emprego formal para estes jovens.

Segundo Vianna (2015, p. 33), os exemplos que os jovens seguem enquanto modelos, propostos pelo mundo adulto, é fator primordial para a formação de sua identidade, para o fortalecimento do sentimento de pertencimento por parte dos jovens, assim “a identidade da juventude é uma tradução de sua situação social real, interpretada e reinterpretada pelas ideologias, representações cotidianas, meios oligopolistas de comunicação e etc.”

Pode-se notar que um fato interessante entre as escolhas aqui estabelecidas para o rol de personalidades citadas como exemplos de sucesso é que todas as figuras são mundialmente conhecidas, sendo rostos frequentemente divulgados pelos meios de comunicação como personagens importantes em nossa história. São todas elas ainda figuras que representam histórias de superação de dificuldades encontradas por sua posição social e alcançaram o patamar descrito pela nossa sociedade como sucesso pleno. É factível dizer que os jovens buscaram figuras que lhes transmitissem esse sentimento de representatividade, mesmo que dentre personalidades que tiveram o sucesso legitimado por uma sociedade guiada pela influência dos meios oligopolistas de comunicação.

Como demonstrado no estudo de Lachtim (2010), a escolarização é apresentada aqui como ponte para o ingresso no mercado de trabalho, e a realização de sonhos se mantém associada à busca do sucesso profissional. Torna-se evidente a preocupação dos jovens com o desempenho individual, a ser traduzido em sucesso, como tão propagado dentro do contexto do capitalismo contemporâneo. Para os jovens, estudar significa uma forma de conseguirem a realização pessoal desejada.

Essas falas remetem à noção de capital cultural descrita pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, em que o mesmo relaciona o sucesso escolar e posteriormente no mercado de trabalho, com a classe social de origem desses jovens. Bourdieu (1979) considera fundamental a relação entre a divisão das classes sociais e a educação recebida pelos jovens, afirmando que aqueles que são provenientes de classes privilegiadas receberam maior investimento cultural e, portanto, apresentaram um maior capital cultural em detrimento dos jovens provenientes de classes desprivilegiadas. Esse pressuposto corrobora com outras

representações ilusórias, que desconsideram o desconsiderando o sucesso ou o fracasso escolar como efeitos de “aptidões” naturais de cada indivíduo. As falas dos jovens corroboram este ponto ao dizer que “preparação (educação) requer dinheiro”.

A educação na sociedade capitalista existe para ser um processo que faz uso de instrumentos criados e manuseados por representantes das classes dominantes, para submeter os demais indivíduos a seguir sendo mão de obra disponível e funcionarem com determinadas maneiras de sentir, pensar e agir que corroboram uma ideologia de classe como sendo de uma sociedade em geral, quando existem para manter interesses privados (Silva, Padilha e Vianna, 2015, p. 253).

Por fim, há também uma crítica feita à própria população que “não se conscientiza” sobre a “má gestão” pública; o que todos os jovens concordaram traduzindo uma reflexão sobre a necessidade de maior engajamento popular na transformação de nossa sociedade. Como ressalta Santos em seu trabalho (2013, p. 181), o sistema político atual faz com que as pessoas se acomodem a esperar que todas as soluções sejam apresentadas pelos políticos, e os jovens apresentam, também em seu trabalho, a necessidade de maior participação e consciência das pessoas sobre aquilo que afeta diretamente suas vidas.

Enquanto a população em geral se mantiver passiva, apática, entretida com o consumismo ou distraída pelo ódio contra os vulneráveis, os poderosos continuarão fazendo o que lhes der na telha, e aos que sobreviverem não restará senão contemplar o resultado (Chomsky, 2017).

7.1 Considerações Finais

A oficina permitiu uma reflexão que mitigou a responsabilização individual, tão reforçada na contemporaneidade, como afirma Safatle (p. 189, 2016), quando diz que o discurso frequente é o de que cabe ao indivíduo a responsabilidade pelo sucesso na tentativa de autoafirmação, especialmente no interior do trabalho, cabendo ao indivíduo ser o empreendedor de si e conseguir, assim, alçar melhores conquistas no mercado. Os jovens transpuseram esse discurso inicial que atribuía unicamente ao indivíduo a possibilidade de ser uma figura bem-sucedida ao alcançar os sonhos, e localizaram tantos fatores importantes nessa jornada.

Desta forma, após a realização das oficinas propostas, pode-se afirmar ter sido possível promover reflexões críticas em temas importantes, capazes de influenciar na potencialidade humana dos jovens e permitir transformações em torno das práticas desses.

Sendo assim, torna-se imprescindível a realização de processos educativos que sejam construídos em conjunto com os jovens, e que possam abordar os diversos mecanismos de opressão e de controle social velados nos discursos do dia a dia, e promover abordagens das diversas esferas da realidade, dando voz também aos jovens das periferias.

Nessa perspectiva, é através da educação crítica, pautada pela compreensão da história, em busca da consciência e da autoconsciência (Silva, Padilha e Viana, 2015), que será possível uma mudança no conjunto das relações sociais.

Como reforça Silva Jr (apud Silva, Padilha e Viana, 2015, p. 180) “o movimento realizado pelas classes dominantes promove a transição de valores que possam dar sustentação às relações sociais e construir novas formas de controle social, circunstância em que a educação adquire papel ainda mais relevante... fundamentais na produção de uma nova sociabilidade.

Como nos lembra Paulo Freire, na Pedagogia do Oprimido, a luta pela humanização, pelo trabalho, pela desalienação não é “destino dado”, mas resultado de uma ordem social injusta imposta violentamente por opressores (2011, p. 41). É preciso retomar o papel da educação enquanto veículo de transformação social se queremos aprofundar a discussão de temas relevantes e promover um processo de conscientização e de autonomia desses jovens. A escola pode ser recolocada em seu lugar de promoção de experiências diversas que permitam o descobrimento de um pensamento livre, através de iniciativas como a apresentada por Paixão (2016) em seu Caderno.

7.2 CONCLUSÃO

Através desse processo educativo, realizado por trabalhadores de saúde, foi possível promover discussões que confirmaram o significado da educação emancipatória no processo de fortalecimento da reflexão e crítica entre os jovens. Considerando que os jovens são impregnados pelos valores sociais e ideologias hegemônicas, atualmente bastante identificados com a lógica neoliberal, e que os jovens provenientes de famílias de grupos sociais com condições de trabalho e vida precarizados, que tem suas trajetórias marcadas por obstáculos para alcançarem o que lhes é “vendido” como sucesso, as oficinas emancipatórias constituem-se instrumento potente para identificação e reflexão das origens das condições em que se encontram, bem como podem promover fortalecimento e mobilização.

6. Referências

REFERÊNCIAS

Almeida AH, Trapé CA, Soares CB. Educação em saúde no trabalho de enfermagem. In: Soares CB, Campos CMS, organizadoras. Fundamentos de saúde coletiva e o cuidado de enfermagem. São Paulo: Manole; 2013. p. 293-322.

Amarante AGM, Soares CB. Políticas Públicas de Saúde voltadas à adolescência e a juventude no Brasil. In: Borges ALV, Fujimori E. Enfermagem e a saúde do adolescente. Barueri, SP. Manole; 2009. p. 03-19.

Amarante AGM. Juventude no SUS: as práticas de atenção à saúde no Butantã [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem. Universidade Federal de São Paulo; 2007.

Ayres JRCM, Carvalho YM, Nasser MA, Saltão RM, Mendes VM. Caminhos da integralidade: adolescentes e jovens na Atenção Primária à Saúde. Interface comun. saúde educ; jan.-mar. 2012. 16(40): 67-82.

Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, LDA; 2009.

Barbosa IG, Silveira TAT. A organização social do trabalho no estado capitalista. In: territorial – caderno eletrônico de textos [Internet]. 2012 [citado 12 Jan. 2018]; 2(12). Disponível em: <https://www.cadernoterritorial.com/news/a-organiza%C3%A7%C3%A3o-social-do-trabalho-no-estado-capitalista-ivone-garcia-barbosa-e-telma-aparecida-teles-martins-silveira/> 2012

Branco, C, Viviane M; Cromack, LMF; Edmundo, KMB; Borges, EGS; Santos, Livia RP; Sales, RP; Garcia, Thaís; Pinho, MAL. Caminhos para a institucionalização do protagonismo juvenil na SMS-Rio: dos adolescentos ao RAP da Saúde. Adolesc. Saúde [Online]; mar. 2015 (Supl. 1): 14-22.

Brasil. Decreto n. 6286, de 5 de Dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola. Diário Oficial da União, 6 de dezembro, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm

Brasil. Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da União 16, de julho de 1990.

Brasil. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre o Comitê de Ética em Pesquisa. Diário Oficial da União n. 12, 13 de junho de 2013. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

Boron A et al. Pós-neoliberalismo II: que Estado para que democracia? Petrópolis: Vozes; 1999.

Aracelle Santana Soares

Boiteux L. Opinião pública, política de drogas e repressão penal: uma visão crítica. In: Drogas no Brasil – entre a saúde e a justiça. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; 2015.

Bourdieu P. "Les trois états du capital culturel". In: Actes de la recherche en sciences sociales, Paris, n. 30, novembro de 1979, p. 3-6.

Burgarelli R, Costa N, Ferraz A. Jaguaré, o bairro que é a cara de São Paulo. Folha de São Paulo. [Internet]. 2011 [acesso 26 Nov. 2017]. Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,jaguare-o-bairro-que-e-a-cara-de-sao-paulo-imp-,800567>

Carneiro HS. A fabricação do vício [Internet]. In: Anais do 13º Encontro Regional de História; 2002; Belo Horizonte, Brasil. Belo Horizonte: Revista de História - Departamento de História/ICHS/UFOP; 2002. [citado 15 Jun. 2015]. Disponível em: http://www.neip.info/downloads/t_hen1.pdf

Carpes AD, Krause LMF, Santos BZ, Backe DS, Piovesan C, Costenaro RGS, Ilha S. Expectativas de escolares de uma comunidade vulnerável: qualidade de vida e esperança sobre profissionais/governantes. Rev. enferm. Cent.-Oeste Min; 2014; 4(2):1112-1122.

Chauí, M. O que é Ideologia. São Paulo: Brasiliense; 1980.

Chomsky N. Quem manda no mundo? 1ª ed. São Paulo: Planeta; 2017.

Cordeiro L, Soares CB, Campos CMS. Pesquisa ação na perspectiva da Saúde Coletiva: relato de experiência da formação de agentes comunitários da saúde para o enfrentamento do consumo prejudicial de drogas. Sal & Transf. Soc. Florianópolis (SC). 2013; 4(2):106-116.

Cordeiro L. Formação de agentes comunitários de saúde para o desenvolvimento de práticas de atenção básica relativas ao consumo prejudicial de drogas [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo, 2011.

Cordeiro L. Pesquisa-ação na área da saúde: uma proposta marxista a partir de revisão de escopo (tese de doutorado). São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2016.

Costa RF, Queiroz MVO, Zeitoune RCG. Cuidado ao adolescente: contribuições para a enfermagem. Rev. enferm. UERJ; abr.-jun. 2012; 20(2):197-202.

Dardot P, Laval C. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1 ed. São Paulo: Boitempo; 2016.

Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra; 2011.

Aracelle Santana Soares

Freire P. Pedagogia do Oprimido. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2011.

Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz). Ciência e Tecnologia em saúde [Internet]. Prevenção e Pesquisa [acesso 26 Nov. 2017]. Disponível em: <http://prevencaoepesquisa.icict.fiocruz.br/>

Fundação Perseu Abramo. Boletim de Análise da Conjuntura, ano -2, n.11, jan/fev 2017 [Internet]. [acesso 26 Abr. 2017]. Disponível em: <http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/Boletim%20mensal%20de%20an%C3%A1lise%20de%20conjuntura%2011%20ok.pdf>

Groppa LA. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. Revista de Educação do Cogeime [Internet]. 2004 [acesso 29 Nov. 2016]; 13(25). Disponível em: <http://www.cogeime.org.br/revista/cap0125.pdf>

Groppa LA. Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL; 2000.

Guerra A; Silva RA, Pochmann M. Atlas da exclusão social no Brasil, v. 2: Dinâmica da exclusão social na primeira década do século XXI. São Paulo: Corteztyhu; 2015.

Henriques, BD. Análise compreensiva do significado do atendimento ao adolescente realizado pelos profissionais de saúde da atenção primária do Município de Viçosa, MG. Interface (Botucatu) [Internet]. 2010 [acesso 26 Nov. 2016]; 14(34):710-710. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000300021&lng=e

Horta NC, Sena RR. Abordagem ao adolescente e ao jovem nas políticas públicas de saúde no Brasil: um estudo de revisão. Physis. [Internet]. 2010 [acessado 26 Nov de 2016]; 20(2):475-495. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312010000200008&lng=en. 8

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [Internet]. A saúde dos adolescentes. [acesso 26 Nov. 2017]. Disponível em: <http://teen.ibge.gov.br/>

Lachtim SAF. Jovens de Santo André, SP: um estudo sobre valores em diferentes grupos sociais [dissertação]. São Paulo: Escola de enfermagem, Universidade de São Paulo; 2010.

Lombardi JC, Saviani D. Marxismo e educação – debates contemporâneos, 2ª ed. Campinas: Autores associados; 2008.

Macedo EOS, Conceição MIG. Ações em grupo voltadas à promoção da saúde de adolescentes. Rev. bras. crescimento desenvolv. hum. 2013; 23(2):222-230.

Aracelle Santana Soares

Marques JF, Queiroz MVO. Cuidado ao adolescente na atenção básica: necessidades dos usuários e sua relação com o serviço. *Rev Gaucha Enferm*; set. 2012; 33(3):65-72.

Mészáros I. O poder da Ideologia. 1ª ed. São Paulo: Boitempo; 2004.

Mészáros I. A educação para além do capital. 2ª ed. São Paulo: Boitempo; 2008.

Ministério da Saúde. Orientações básicas de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes nas Escolas e Unidades Básicas de Saúde. Brasília, DF; 2009.

Ministério da Saúde. Saúde Integral de Adolescentes e Jovens: Orientações para a Organização de Serviços de Saúde. Brasília, DF; 2007.

Ministério da Saúde. Programa Saúde na Escola (PSE). Brasília, DF; 2007.

Nogueira MJ, Modena CM, Schall VT. Políticas Públicas voltadas para adolescentes nas Unidades Básicas de Saúde no Município de Belo Horizonte/MG: uma análise sob a perspectiva dos profissionais de saúde. *Revista de APS (online)*. 2010; 13(3):338-345.

Oliveira DA. A educação além do capital. *Educ. Soc. (online)*. 2006; 27(97):1373-1376.

Oliveira E. Comunicação em saúde: pesquisa-ação para elaboração de programa midiático de educação sobre drogas direcionada a jovens [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

Organização Internacional do Trabalho. OIT: desemprego juvenil global cresce novamente [Internet]. [acesso 26 Nov. 2017]. Disponível em: http://www.ilo.org/brasil/brasilia/noticias/WCMS_514583/lang--pt/index.htm

Pais JM. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise Social*. 1990; 15(105-106):139-165.

Paixão IA. Pesquisa-ação emancipatória para a construção de material de apoio a atividades educativas sobre drogas [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo; 2016.

Pasquim HM, Soares CB. Jogo “Cidade Dorme: representações cotidianas sobre drogas” (Tutorial do Jogo). [acesso 29 Ago. 2016]. Disponível em: No endereço eletrônico: <http://eaulas.usp.br/portal/video.action?idItem=7220>

Pasquim HM. Lazer na área de drogas: construção coletiva de crítica e de práticas emancipatórias [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2017.

Aracelle Santana Soares

Paro VH. Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 2010.

Pereira SEFN, Sudbrack MFO. Drogadição e atos infracionais na Voz do Adolescente em conflito com a lei. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2008; v. 24(2):151-159.

Queiroz MVO, Nájori BFL, Eysler GMB, Ilvana LVG. Cuidado ao adolescente na atenção primária: discurso dos profissionais sobre o enfoque da integralidade. *Rev. RENE*; dez. 2011; 12(Número Especial):1036-1044.

Safatle V. O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2ª ed. Belo Horizonte: autêntica editora; 2016.

Santos VE. O objeto/sujeito da redução de danos: uma análise da literatura da perspectiva da saúde coletiva [dissertação de mestrado]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2008.

Santos VE, Yonekura T, Soares CB, Campos CMS. Valores sociais: com a palavra a juventude. *Acta Paul Enferm*. 2012; 25(2):263-9.

Saviani D. Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações. 9º ed. Campinas: Autores Associados; 2013.

Saviani D, Duarte N. Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar. Campinas: Autores Associados; 2012.

Silva NR. O enigma da ideologia: as indicações de Marx à luz da análise lukácsiana [Internet]. 2013. [acesso 23 Ago. 2016]. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v9_nara_GX.pdf

Soares CB. Consumo Contemporâneo de drogas e juventude: a construção na perspectiva da saúde coletiva [tese livre-docência]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2007.

Soares CB. Mais que uma etapa do ciclo vital: a adolescência como um construto social. In: Borges ALV, Fujimori E. *Enfermagem e a saúde do adolescente*. Barueri, SP. Manole: 2009, p. 3-19.

Sposito MP, Carrano PCR. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Rev Bras Educ*. 2003; 24(1):16-29.

Tomazetti EM, Ramos NV, Salva S, Oliveira AM, Schlickmann Vitor. Entre o “gostar” de estar na escola e a invisibilidade juvenil: um estudo sobre jovens estudantes de Santa Maria, RS. *79 Educação, Santa Maria*, jan./abr. 2011; 36(1):79-94.

Aracelle Santana Soares

Viana N. Juventude e Identidade. Estudos, Goiania. 2009; 36:145-154.

Viana N. Educação, Sociedade e Autogestão Pedagógica. 2008. Revista acadêmica multidisciplinar. Paraná, Brasil. Ago/set/out/nov. 2008; 16.

Viana N. Juventude e Sociedade: ensaios sobre a condição juvenil. São Paulo: GIOSTRI; 2015.

Vieira CENK, Enders BC, Mariz LS, Santos RJF, Rêgo MCD, Oliveira DRC. Atuação dos enfermeiros de unidades básicas de saúde direcionada aos adolescentes com excesso de peso nas escolas. REME rev. min. enferm; jul.-set. 2014; 18(3):630-636.

Vieira RP, Machado MFAS, Bezerra IMP, Machado CA. Assistência à saúde e demanda dos serviços na estratégia saúde da família: a visão dos adolescentes. Cogitare enferm; out.-dez. 2011; 16(4):714-720.

Waiselfisz JJ. Mapa da Violência 2014: os jovens do Brasil. Rio de Janeiro [Internet]. 2014 [acesso 26 Jan. 2017]. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf

Waiselfisz JJ. Mapa da Violência 2016: homicídios por armas de fogo no Brasil. Rio de Janeiro [Internet]. 2016 [acesso 29 Jan. 2017]. Disponível em: <http://flacso.org.br/?p=16616>

Wood EM, Foster JB. Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed; 1999.

Aracelle Santana Soares